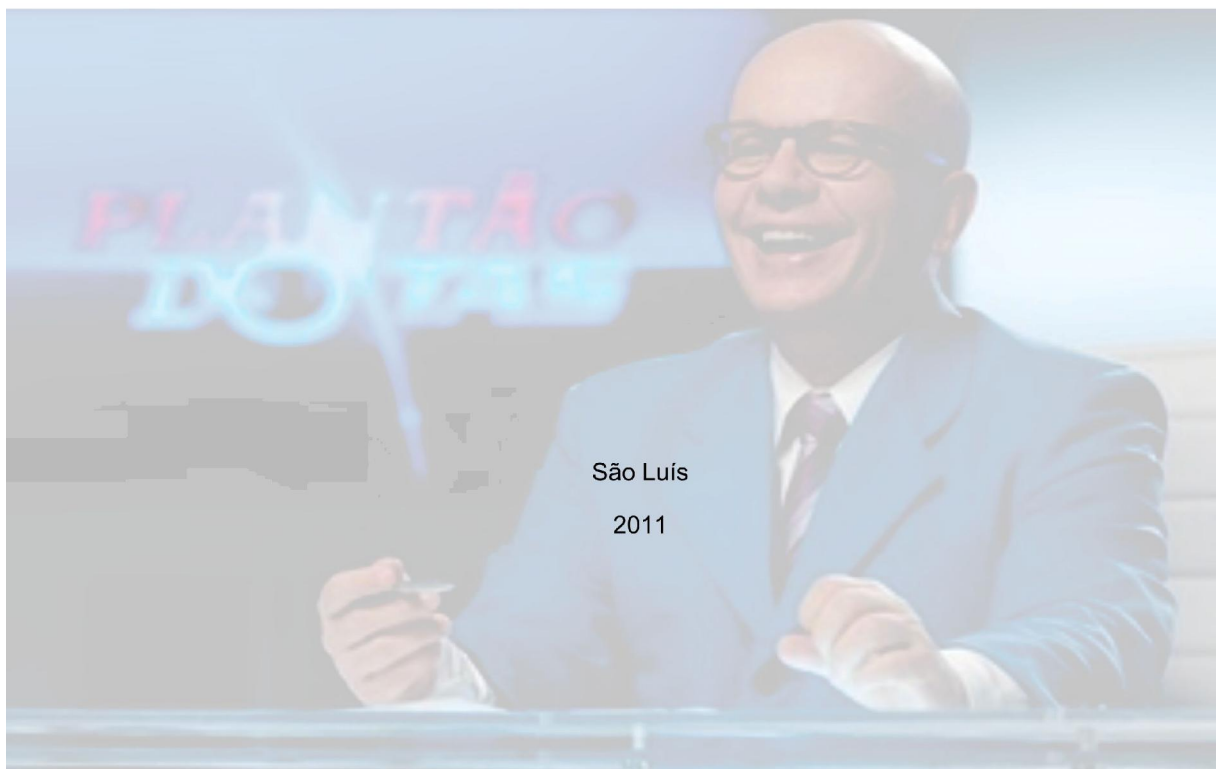




**O FORMATO JORNALÍSTICO PARA CRIANÇAS E OS EFEITOS DA RELAÇÃO
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: Uma análise do programa Plantão do Tas.**



LUANA COSTA SERRA PINTO

**O FORMATO JORNALÍSTICO PARA CRIANÇAS E OS EFEITOS DA RELAÇÃO
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: Uma análise do programa Plantão do Tas.**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Vera Lúcia Rolim Salles

São Luís

2011

**O FORMATO JORNALÍSTICO PARA CRIANÇAS E OS EFEITOS DA RELAÇÃO
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: Uma análise do programa Plantão do Tas.**

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Aprovada em: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Rolim Salles (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

EXAMINADOR

Universidade Federal do Maranhão

EXAMINADOR

Universidade Federal do Maranhão

“A todos aqueles que acreditam na força da
educação como ferramenta máxima de mudança”

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus por me guiar até aqui e permitir que mais uma etapa fosse vencida. A Ele toda honra.

Depois, agradeço a minha família pela força e compreensão nos tempos difíceis. Principalmente aos meus pais que tanto me ajudaram e as minhas sobrinhas Maria Eduarda e Maria Clara por serem meus laboratórios de análise nesse período de pesquisa.

Quero dizer obrigada também ao meu namorado Marcos Aurélio por todo apoio para arrumar este trabalho e principalmente pelos sonhos que me incentivaram a terminar este estudo. A Jovanna Abreu que passou por poucas e boas e muitas e ruins comigo nessa trajetória de erros e acertos. A Anna Tygrezza pela amizade e palavras sábias na hora certa. A Beatriz Deruiz pelas idéias trocadas no MSN. A Anna Paula Abreu pelas madrugadas no facebook que não me deixavam dormir e esquecer do meu objetivo.

Obrigada também a Pedro que foi de muita importância no desespero dos últimos dias e a todos que estiveram comigo nesses anos de curso.

Agradeço também ao Junior e a Tália pelos projetos, conversas, idéias e apoio dados a mim. E as minhas eternas amigas Rayssa Oliveira, Amanda Thaís e Luciana Goes que a distância tenta mas nunca consegue separar.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação de crianças com o formato e a prática jornalística nos telejornais e a relação da comunicação com a educação. Para isso foram realizadas entrevistas de caráter qualitativo com 25 crianças de 7 a 9 anos, do Instituto Divina Pastora, localizado no bairro do Anil em São Luis, Maranhão no período de junho e agosto de 2011. As entrevistas foram direcionadas para o entendimento das crianças sobre o telejornalismo e sobre o programa Plantão do Tas, que utiliza o formato de um telejornal com a função de transmitir mensagens educativas. Para uma compreensão mais completa dessa relação entre crianças, educação e telejornalismo, este estudo apresenta também um enfoque sobre Educomunicação, descreve o perfil do programa Plantão do Tas, analisa a influência dos programas infantis na TV brasileira e na formação comportamental das criança, além de apresentar uma comparação entre o telejornalismo e o Plantão do Tas.

Palavras – chave Jornalismo; Comunicação; Educação

ABSTRACT

This research has as main objective to analyze the relationship of children with the journalistic format and practice in TV newscasts and the relation of communication and education. To do this were made interviews with qualitative character with 25 children of 7 to 9 years old, at the Instituto Divina Pastora, localized at the Anil in São Luis, Maranhão at the period of June and August of 2011. The interviews were directed towards an understanding of children about TV journalism and about the TV show called “Plantão do Tas”, which uses a TV newscast format with the function of transmitting educative messages. For a more complete comprehension about this relation between children, education and TV journalism, this research shows also an approach about “Educomunicação”, describes the profile of the show “Plantão do Tas”, analyzes the influence of children’s television programs at Brazilian television and in children’s behavior formation, besides of presenting an comparison between TV journalism and “Plantão do Tas”.

Keywords: Journalism; Communication; Education

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	CONCEITO DE EDUCOMUNICAÇÃO.....	10
3	O TELEJORNALISMO COMO FORMA DE EDUCAR	13
3.1	Jornalismo como prática educativa.....	15
4	O PLANTÃO DO TAS	17
4.1	Crianças e a relação destas com o Real e o Irreal	18
4.2	A trajetória do jornalista Marcelo Tas	19
4.3	Plantão do Tas: Como se faz?.....	21
5	A INFLUÊNCIA DA TV NO COMPORTAMENTO INFANTIL.....	24
5.1	Os programas infantis ontem e hoje no Brasil	27
6	ANALISE SOBRE PLANTÃO DO TAS E JORNALISMO.....	33
7	TELEJORNALISMO TRADICIONAL X PLANTÃO DO TAS	46
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51

REFERÊNCIAS

APÊNCICES

1 INTRODUÇÃO

O campo comunicacional tem como característica a intermediação de todos os campos de discussão, e por isso, há necessidade da existência dos outros campos para sua sobrevivência. A educação, no entanto, é responsável pela administração da transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social, enquanto a comunicação é responsável também pela transmissão do saber e pela intermediação entre os diferentes tipos de informação oriundas dessas áreas. O jornalismo seria então uma forma de intermediar estes campos e fornecê-los ao público em forma de informação, que, ao chegar ao público, gera conhecimento.

Ao assistir algum jornal diário na televisão ou ao abrir um periódico é comum o cidadão iniciar um ritual, às vezes não proposital, pela busca de algo novo, informativo e de importância de acordo com seu ponto de vista. À medida que o ser humano cresce e molda sua personalidade social, ele encontra formas mais pessoais de buscar informações que deseja de acordo com a sua área de interesse.

Nesse processo de descoberta, do que é interessante do ponto de vista de cada um, é que se aprende que há uma estrutura que relaciona todas as áreas do saber e as transmite em forma de notícia, no caso, o jornalismo. Cada forma de fazer jornalismo possui sua característica própria para transmitir informações, que sempre devem obedecer aos critérios de relevância social e, principalmente, de ética.

Com o tempo o cidadão aprende a associar o formato dos diferentes modos de fazer jornalismo à busca pela informação. A presença de âncoras, bancada e repórteres na televisão em um programa televisivo logo faz pensar que informações serão fornecidas. O interesse por esta forma de buscar informação é moldado nas pessoas desde a infância, ao longo do processo de formação crítica e de acordo com os temas de interesse.

O programa Plantão Do Tas, veiculado pelo Cartoon Network divulga as denominadas “Notícias absurdas” que tem como função transmitir mensagens educativas, que vão, da importância do banho até assuntos de grande importância social, e ambiental, como o aquecimento global. Os problemas abordados são reais, mas os exemplos são fictícios.

A pesquisa tem como proposta compreender se ao assistir a um programa destinado ao público infantil com características jornalísticas, a criança passa a se

interessar em buscar informações através de telejornais e qual é a visão delas sobre o telejornalismo.

Para isso foi analisada a influência positiva no desenvolvimento cognitivo e no comportamento infantil de um programa televisivo, o Plantão do Tas, além de exemplos de programas de TV destinados a elas, que, ao serem consumidos, geram boas atitudes.

A pesquisa também pretende conhecer mais sobre o papel da televisão no processo educacional, através da compreensão de uma linha de pesquisa denominada de Educomunicação.

A Educomunicação consiste na inter-relação entre os campos midiático e pedagógico. Assim, a intenção da prática educacional é inserir o debate sobre a televisão em sala de aula e também promover a televisão como ferramenta de educação.

Para compreender melhor a relação das crianças com o telejornalismo foi realizada uma pesquisa com 25 crianças de 7 a 9 anos de idade, do Instituto Divina Pastora, uma escola particular localizada no bairro do Anil em São Luís, Maranhão.

O período da análise aconteceu nos meses de junho e agosto de 2011. A pesquisa é qualitativa e teve como objetivo acompanhar as opiniões a respeito de TV, telejornalismo e Plantão do Tas para efeito de comparação com as teorias adquiridas nas pesquisas bibliográficas relacionadas ao jornalismo, educação, comunicação e a relação destes campos com a programação e formação infantil.

2 CONCEITO DE EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação consiste em uma linha de pesquisa que estuda as reflexões da utilização da comunicação na educação. A união dos dois campos auxilia a capacidade crítica principalmente das crianças e jovens sobre o conteúdo emitido pelos meios de comunicação de massa, além de contribuir para o entendimento da produção e recepção dos programas.

Não se trata apenas de usar os meios de comunicação em sala de aula como instrumentos de trabalho, mas procurar discutir os temas abordados em jornais, TVs, e programas de rádio, de forma que isso auxilie na educação e ajude na construção do senso crítico nos cidadãos. Sobre essa relação que deve ser estabelecida Soares cita:

A área da educação para comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios. (SOARES, 2000, p.05)

A Educomunicação baseia-se principalmente no relacionamento entre alunos, professores e comunicadores através da discussão sobre os mais variados assuntos citados nos meios de comunicação, sendo por isso considerada como interdiscursiva, transdisciplinar e midiática. Este cruzamento de campos, saberes e discursos diferentes promovidos pela Educomunicação é o que irá também construir sua especificidade. Sem esta inter-relação de saberes, a prática educacional não se concretiza como afirma Soares.

Se há - ou tem de haver - algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado Educomunicação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ ou utilizam desses saberes. (SOARES, 2006, p. 03)

A televisão ocupa ainda boa parte do tempo de crianças e jovens, disputando hoje espaço apenas com a internet¹. Negar a análise e discussão sobre os temas abordados por esses meios, assim como as características de seus receptores e produtores junto ao público infantil seria como perder a chance de

¹ Para os jovens, a televisão e a internet ainda são os meios de comunicação mais utilizados para obter informação. O estudo TRU 2011 realizado pela TNS Research International em 40 países apontou a TV como a preferida de 68% dos jovens brasileiros. Em seguida vem a internet com 20% e, por fim o rádio, com apenas 4%. Para a pesquisa foram entrevistadas mil e quinhentos adolescentes. Fonte: www.exame.abril.com.br

promover debates críticos, construtivos, que auxiliariam os alunos a terem visões diferenciadas sob temas discutidos em salas de aula. “A televisão ocupa uma posição de destaque no dia a dia dos alunos e a escola precisa considerar a TV como um componente social significativo, incluindo-a em seu projeto pedagógico”. (AZEVEDO, 2003, p.07)

Sob a mesma ótica, o educador Paulo Freire vai destacar: “Como educadores e educadoras progressistas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la” (MEDITSCH e FARACO apud FREIRE, 2000, 110)

Através dessa característica de interdiscursividade é possível entender como a Educomunicação auxilia na compreensão do jornalismo. Os vários discursos emitidos sobre uma mesma notícia em forma de diálogos com colegas, pais e professores tornam a fala jornalística muito mais atraente aos olhos dos jovens e vão auxiliá-los a construir sua própria visão sobre o fato noticiado.

Para Azevedo (2003) as notícias veiculadas pelos telejornais adquirem significado muito mais atraente através das conversas com amigos e nas discussões com o professor do que propriamente pelo texto veiculado pela TV.

Ao longo dos anos, o discurso que definia a Educação como garantia do avanço democrático e social, passa então a ser substituído pela importância do acesso à informação, como direito maior e fundamental na atualidade. A Educação de caráter sistêmico, comum e repetitivo em sua forma de apresentação perdeu espaço para o caráter audiovisual da comunicação que está mais do que nunca em evidência na preferência popular.

Cada vez mais a administração de saberes promovida pela educação faz se necessária neste tempo que há intensa propagação de informações vindas de todos os lados, pois os meios de comunicação são formas importantes de promover o conhecimento e o senso crítico dos cidadãos.

A televisão que ainda é o meio de comunicação mais procurado por jovens, poderia ser mais utilizada como elemento de construção educativa pelos produtores de conteúdo midiático. “Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: Educar pela comunicação e não para a comunicação.” (PARAVIDINO apud SOARES, 2000, p.09)

O uso da televisão no processo educativo é importante, pois proporciona a contextualização de temas, de debates e, de certa forma, auxilia os educadores a conhecerem certos aspectos da identidade dos alunos através dos programas que estes assistem.

Nesse esforço de compreender o modelo televisivo sem desqualificá-lo, é preciso apontar duas dimensões: a primeira diz respeito ao fato de que existe uma enorme diversidade de recepção, derivada dos distintos repertórios culturais e dos distintos níveis de resistência de grupos sociais igualmente diversificados que são expostos ao conteúdo televisivo; a segunda refere-se ao pressuposto de que, se a demonização da TV não resolve nenhum problema analítico ou social, a abordagem crítica sobre seu funcionamento é essencial para melhorá-la. (PARAVIDINO, 2010, p.01)

Ferrés cita a prática das escolas e outras instituições em relação à televisão como algo equivocado. Para ele, a solução não está em criticar a televisão, mas sim buscar maneiras para formar cidadãos críticos que não sejam indivíduos inocentes frente à tela.

É absurdo que entidades como a escola, a igreja ou a família critiquem os efeitos perniciosos da televisão enquanto nada é feito para a formação de espectadores maduros, com espírito crítico e capacidade enriquecedora do meio. A televisão somente se torna nociva quando não se está preparado para assistir a ela. (DALPIZZOLO apud FERRÉS, 1996, p.171)

Segundo os pesquisadores Valério Fuenzalida e Guilherme Orozco para que as pessoas entendam melhor o que leva certos produtores a produzirem determinados conteúdos é necessário que compreendam a gramática da linguagem audiovisual.

Para Mônica Fort, essa linguagem audiovisual é “composta por imagens em movimento, sons correspondentes às ações captadas, enquadramentos e movimentos de câmera, iluminação e cenários.” A autora cita ainda que a televisão possui quatro dimensões: “linguística, mediática, técnica e institucional” e que “a linguagem televisiva não é só um composto audiovisual, pois está também sedimentada em linguagens terceiras como a musical, oral ou escrita”. (FORT, 2006, p.34).

O entendimento dessa gramática audiovisual televisiva, citada pela autora também como “Videogramática” contribui que o cidadão compreenda as diversas interpretações dadas em diferentes canais com relação a um mesmo tema, auxiliando no debate televisivo e possibilitando a compreensão da forma como são transmitidos certos conteúdos ou como são dadas certas informações.

3 O TELEJORNALISMO COMO FORMA DE EDUCAR

O diálogo promove a discussão, que promove o senso crítico. Paulo Freire, defensor da visão crítica ressaltava a importância do público buscar entendimento das notícias recebidas para entender o porquê e quais os interesses por trás das informações.

Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão entregues ou “disponíveis” ao que vier. Quanto mais nos sentamos diante da televisão – há situações de expressão – como quem, de férias se abre ao puro repouso e entretenimento tanto mais riscos corremos de tropeçar na compreensão de fatos e acontecimentos (...) (FARACO; MEDITSCHF apud REIRE, 2000: 110)

Quando as notícias são visualizadas de forma a buscar entender a razão de tal discurso ou por qual motivo o telejornal escolheu determinado tema, pode-se entender o jornalismo não apenas como uma forma de promover informação, mas também como algo baseado em interesses políticos e empresariais.

Essa compreensão das opiniões que podem haver por trás das notícias fornecidas em programas telejornalísticos é basicamente possível através da compreensão da linguagem audiovisual, da discussão com outros membros da sociedade e através da visualização de outros telejornais e meios de comunicação. E a respeito da linguagem audiovisual, a compreensão desta capacidade começa a ser construída na infância.

O jornalismo deve ter não apenas função de informar, mas também, através dessa informação, proporcionar ao seu receptor uma conclusão própria sobre o que está sendo dito. O caráter de imparcialidade e inclusão de diferentes pontos de vista, com a preocupação de abordar todos os lados envolvidos na notícia são alguns dos princípios jornalísticos que auxiliam no aspecto educativo dessa prática, já que com estas características a notícia poderá ser melhor discutida e, conseqüentemente, compreendida.

O telejornalismo (e o jornalismo com o um todo) tem como função mediar diferentes campos do saber como religioso, o político, econômico entre outros. Essa mediação dos diferentes espaços de discussão e a transformação das informações oriundas deles para uma linguagem acessível a toda a sociedade também possibilita que os cidadãos possam compreender melhor as notícias, assim como, ter acesso a informações de diversas áreas, o que aumenta sua importância educativa.

A fala seguinte de Sérgio Guimarães remete a ideia de que o cidadão deve se colocar como responsável pela compreensão das notícias transmitidas, como também das ideias que possam ou não existir por trás das informações, e até construir o aspecto educativo do telejornalismo, sem que seja necessário esperar que jornalistas e produtores de conteúdos se preocupem com o ato de educar.

Para mim, esta distinção que poderia ser feita por alguns, entre o informar e o educar não existe como algo separado (...) Para que o indivíduo possa absorver determinada informação que um jornalista transmite o leitor, o ouvinte, o telespectador precisa necessariamente desenvolver um processo de aprendizado, um processo educativo, quer repito, o jornalista esteja consciente, quer não. (GUMARÃES, Sérgio. O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. Depoiment, 2008, www.bocc.ubi.pt. Entrevista concedida a FARACO)

As notícias são fornecidas como informações essenciais a respeito de um tema presente, assim a profundidade dada aos temas abordados é inferior quando comparada à ciência e a história. Mas, a transmissão destas, mesmo sendo feita de forma vaga e rápida devido à velocidade da produção de conhecimento, quando passam ao domínio público deixam de serem factuais para se tornarem eventos históricos. Robert Pack, um sociólogo americano foi o primeiro que reconheceu o jornalismo como história. Para o professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Eduardo Meditsch, o jornalismo é definido como a “história escrita a queima roupa”

Para esta terceira abordagem, o jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. (MEDITSCH, 1997, p.3)

Uma das principais características do jornalismo e a educação junto à sociedade é a capacidade que ambas as práticas possuem para auxiliar a construção da história e para a promoção da mudança social, sem colocar a sociedade em contato direto com os objetos ou fatos, mas sempre mediando o contato do público com os acontecimentos.

Portanto, existe uma relação intensa entre educação e a sociedade. A educação possibilita ao cidadão um contato com a história, mesmo que de forma indireta e permite uma maior participação dos indivíduos na construção desta, mesmo que a longo prazo. Já através do jornalismo, preocupado em transmitir informações mais atuais, o cidadão pode participar de forma ainda mais ativa e recíproca sobre o que acontece atualmente na sociedade. Para o pesquisador José

Marques de Melo (2001), o jornalismo é a principal forma de conhecimento que permite aos cidadãos acompanhar, interferir e participar da história.

Ao relacionar jornalismo com educação pode-se dizer que o primeiro é a história contada de forma rápida e quase instantânea, enquanto a educação é a história relatada ao longo do anos sendo construída gradativamente de acordo com os acontecimentos. E ambas possuem a função de promover conhecimento, que poderá gerar novas formas de ação social.

3.1 Jornalismo como prática educativa

Quando se trata do jornalismo e da escola na construção do processo cognitivo e da relação social das crianças junto às outras instituições, observa-se que estas (escola e jornalismo) podem estar inseridos nas diferentes formas de educação caracterizadas como Educação Formal, Informal e Não Formal.

A Educação Formal é aquela feita de forma cronologicamente organizada, institucionalizada e hierarquicamente estruturada como a que é presenciada na escola e nas universidades.

A Educação Informal é construída a partir das relações sociais com a família, os amigos, o trabalho e outras instituições, acontece sem planejamento e costuma ser absorvida de forma individualizada e, posteriormente, pode ser socializada. Esta forma de educação é responsável pela construção moral, através da observação, instrução e disciplina de pessoas mais velhas, indivíduos próximos e outros que estejam inseridos no contexto das relações sócias do individuo.

Já a Educação Não-formal é aquela praticada pelos grupos de trabalho voluntário, meios de comunicação e movimentos sociais e é caracterizada como a que possui pouca estrutura e sistematização e que pode vir a ser um meio formal de educação mediante presença de estrutura, sistematização e planejamento.

Através deste estudo observou-se que o jornalismo está ligado às estas três classificações de educação. Pode ser um meio formal de educação, devido sua estrutura organizada e hierarquizada.

É também um meio informal de educação, já que seu entendimento é muitas vezes construído através das relações sociais. É neste campo informal que as instituições como a família, escola, meios de comunicação e outros, parecem disputar quem mais influencia na construção da identidade de cada individuo.

De acordo com o pensamento de Belarmino Cesar Guimarães da Costa (2002) pode se constatar que “a produção jornalística passou a representar um capital cultural de interesse ampliado, cotidiano e fundamental nas relações entre pessoas, grupos sociais, culturas e civilizações”.

Quanto ao terceiro tipo, foi notado que o jornalismo pode também estar relacionado à Educação Não – Formal por estar inserido nos meios de comunicação e possuir uma estruturação às vezes inferior a Educação Formal, já que sua organização é feita mediante fatos suscetíveis e não de forma muito planejada e mais rígida como na educação escolar.

4 O PLANTÃO DO TAS

O jornalismo feito para crianças, ainda é mais comum nos meios impressos, como em suplementos de revistas e jornais ou periódicos infantis de caráter educativo – como a Revista Recreio, uma publicação da editora Abril e o caderno Folhinha do Jornal Folha de São Paulo. Por outro lado, quando se faz referência a programação infantil na televisão, não foram encontrados exemplos significativos de telejornais para crianças, mas programas que utilizam este formato como o personagem de um boneco que imita um âncora e aparecia esporadicamente na antiga atração Rá-Tim-Bum, e, ainda, o programa que será analisado nesta pesquisa, o Plantão do Tas.

Neste estudo o Plantão do Tas, foi selecionado porque é produzido inteiramente no formato jornalístico dedicado às crianças. Trata-se de uma produção feita pelo canal de animações Cartoon Network em parceria com a produtora argentina Quatro Cabezas, conhecida no Brasil pela produção das versões nacionais dos programas originados da Argentina CQC e A Liga, ambos transmitidos pela Rede Bandeirantes.

Exibido desde 2009 pelo Cartoon Network, o programa tem em seu elenco o jornalista e atualmente apresentador do CQC Marcelo Tas como âncora principal e as crianças Marcos Felipe Oliveira de quinze anos e Gabriella Mustafá de treze anos. A transmissão tem curta duração, assemelhando-se às notícias urgentes transmitidas pelos canais de TV aberta, com presença de uma bancada, âncoras, repórteres, uma forma de interação entre os personagens e apresentação das “notícias²” muito semelhante ao telejornalismo que costuma ser veiculado nas emissoras brasileiras.

Esse tipo de programa mostra como se dá à relação das crianças com o telejornalismo já que este utiliza elementos da produção e linguagem jornalística comum aos telejornais para transmissão de mensagens educativas.

Entretanto, o que o Plantão do Tas transmite são as chamadas “Notícias absurdas³” que tem como função veicular mensagens educativas. Os temas

² A palavra “notícias” será usada desta forma apenas quando se referir ao programa Plantão do Tas.

³ O programa utiliza o termo “notícias absurdas” porque o que contam são histórias inventadas, lúdicas e sem compromisso com a possibilidade de acontecerem.

abordados são reais, mas os exemplos são fictícios. Um bom exemplo foi quando programa noticiou que pinguins decidiram morar em geladeiras para fazer uma alusão ao assunto relacionado ao aquecimento global. Marcelo Tas, em entrevista ao portal Folha.com de São Paulo ao se referir aos assuntos abordados no programa afirmou: “Queremos ser a porta de entrada para assuntos como meio ambiente e política” (Marcelo Tas em entrevista concedida a Rodrigo Russo para o Portal Folha.com)

Quando questionado pelo portal Folha.com sobre o motivo que levou a produção do programa trabalhar com fatos irreais, o apresentador Marcelo Tas respondeu: “O mundo real é muito chato. Crianças tendem a lidar melhor em refletir e analisar situações baseadas em fatos imaginários⁴.”

Deste modo, a diferença deste para os telejornais que se conhece está logo a primeira vista no conteúdo transmitido. Com uma linguagem pedagógica, o programa utiliza a técnica jornalística para transmitir mensagens educativas que estão inseridas nas “notícias”.

4.1 Crianças e a relação com o Real e o Irreal

Para compreensão desta relação foram entrevistadas 25 crianças de 7 a 9 anos do Instituto Divina Pastora de São Luís e, para isso, foram utilizados alguns aspectos relevantes da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget para entender como é a relação das crianças na idade que foram entrevistadas quando entram em contato com notícias que são apenas suposições ou com problemas do mundo real.

As crianças interrogadas podem ser incluídas no início do chamado estágio das Operações Concretas. Através das conversas e pela análise das fases do desenvolvimento cognitivo, observou-se que, nesta idade, elas começam a se posicionar mais em relação ao que acontece no mundo, buscam não mais apenas entender o que é isso ou aquilo, mas tentam compreender os motivos que desencadeiam determinados acontecimentos e até conseguem tirar conclusões reais através de fatos hipotéticos.

O período das **Operações Concretas** acontece dos 7/8 aos 11/12 anos. Nesta etapa a criança deixa o egocentrismo característico da fase anterior (Pré-

⁴ TAS, Marcelo. Marcelo Tas deixa "mundo chato" de lado e inventa notícias para crianças: depoiment.29/12/2009. Folha.com. Entrevista concedida a Rodrigo Russo

Operatória) e passa a perceber que sua posição é relativa de acordo com os outros. Ou seja, a reciprocidade passa então a ser mais utilizada e a opinião do outro mais levada em conta. Nessa fase a capacidade de *reversibilidade* é a característica que mais se desenvolve na criança. É nesse momento também que ela passa a criticar os valores morais e sociais e inicia sua capacidade de lembrar fatos históricos e geográficos

As crianças começam a ter uma postura mais crítica e a se perceberem como parte integrante do universo. Portanto, analisar um programa para crianças de formato jornalístico na faixa etária citada significa também verificar como elas percebem o jornalismo de acordo com seus próprios pontos de vista.

Uma das principais características do Período Operacional, relacionada ao presente trabalho, é a capacidade da criança de raciocinar logicamente partindo de premissas que não importam se são verdadeiras ou falsas. Quando os exemplos são reais e a forma como são contados é fictícia e conseqüentemente se aproxima do universo imaginário da criança, é mais fácil a identificação com a mensagem e a compreensão dos conteúdos transmitidos, conforme assinala Donaldson (1994).

Seu traço mais marcante é a capacidade de raciocinar logicamente, partindo de premissas e tirando conclusões que delas procedem necessariamente. E agora não importa, segundo a teoria, se as premissas são verdadeiras ou não; podem ser aceitas como meros postulados. (Donaldson, idem, p.166)

Neste sentido, quando se analisa o processo cognitivo da faixa etária é mais fácil compreender que existe sim a capacidade de usar narrações hipotéticas na compreensão de fatos e mensagens reais. Portanto, pelo menos através das teorias de Jean Piaget, podemos dizer que as crianças analisadas realmente tendem a lidar melhor com fatos imaginários.

4.2 A trajetória do jornalista Marcelo Tas

Nascido em 1959, na cidade de Ituverava, Marcelo Tristão Athayde de Souza formou-se em engenharia civil pela Universidade de São Paulo (USP) na década de 80, e, na mesma época iniciou o curso de Rádio e Televisão pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da mesma Universidade. Ele fez parte da primeira turma do Centro de Pesquisas Teatrais (CPT), do diretor Antunes Filho, o que possibilitou que se interessasse mais pela comunicação.

Foi em uma festa, no início dos anos 80 que o jornalista observou pela primeira vez uma televisão fora de sua casa, na época não era comum encontrar aparelhos de TV em locais públicos. Esta mostrava um vídeo diferente, incomum, feito com recursos próprios por jovens estudantes na faixa dos 20 anos de idade, que, na ocasião, possuíam a produtora de vídeos Olhar Eletrônico. Entre estes estava o hoje consagrado diretor Fernando Meirelles, responsável por filmes como Cidade de Deus e o Jardineiro Fiel.

Na época, no Brasil, a produção de vídeos com câmeras portáteis ainda era rara. Aos poucos, com a entrada desses aparelhos no país, o interesse pela produção de vídeos independentes cresceu.

Marcelo Tas passou depois a fazer parte desta produtora e sua entrada na televisão aconteceu quando a Olhar Eletrônico foi convidada pelo jornalista Goulart de Andrade para realizar um programa próprio na TV Gazeta.

Após várias experiências, em outubro de 83, nascia o personagem Ernesto Varela, um repórter fictício interpretado por Marcelo Tas responsável por entrevistar figuras públicas com perguntas diretas e polêmicas. O quadro acabou sendo uma das bases para a mistura já conhecida de humor com jornalismo, ligada hoje principalmente ao programa Custe o que Custar (CQC).

Em sua última experiência na produtora Olhar Eletrônico, Marcelo Tas realizou o programa “Mundo no Ar” para a TV Manchete, que em apenas 4 episódios, exibiu como as imagens e diálogos podem ser facilmente manipulados na TV.

Em 1987 Marcelo Tas sai da Olhar Eletrônico para estudar em Nova York. Três anos depois, inicia sua trajetória junto ao público infantil. Em 1990 Fernando Meirelles começava na direção-geral do Rá-Tim-Bum para a TV Cultura, um programa de formato não linear, com quadros de caráter experimental, misturando bonecos, animações e pessoas com intenção de transmitir ensinamentos básicos escolares e morais. Marcelo Tas foi então convidado a ingressar na equipe de produção.

Logo, um dos mais conhecidos personagens de Marcelo Tas para o público infantil nascia. Era o “Professor Tibúrcio”, que aparecia na atração para dar informações educativas.

Já em 1994 estreava na TV Cultura o Castelo Rá-tim-Bum, exibido até hoje pelo mesmo canal. Nesta atração, Marcelo Tas interpretou o personagem Telekid, um garoto virtual que respondia aos “porquês” do personagem “Zequinha”, sempre iniciando a resposta com a conhecida frase “Porque sim não é resposta”.

É importante destacar aqui que o uso dos porquês é característico da fase pré-operatória e usado pelas crianças como forma de esclarecer dúvidas relacionadas a fenômenos físicos (O que causa alguma situação?) e psicológicos (Qual a razão disso?), como por exemplo: *Por que o céu é azul?* ou *Por que devo comer salada?*

O personagem Telekid respondia ao personagem Zequinha perguntas simples também relacionadas a estes fenômenos, como por exemplo: “Por que as vacas mastigam o tempo todo?” ou “Por que a nossa cabeça não pára de pensar?”

Devido ao tempo em que estes dois últimos personagens são reprisados pela TV Cultura e TV Rá-Tim-Bum (canal da emissora destinado apenas ao público infantil -juvenil) a imagem de Marcelo Tas ainda é bastante ligada às produções televisivas para crianças.

Após vários anos sem aparecer em produções infantis, em 2009 Marcelo Tas volta a ter destaque em uma produção inédita para crianças, fazendo parte do elenco do programa Plantão do Tas. De acordo com a produtora criativa do Cartoon Network para a América Latina, Manuela Muraro, o Plantão do Tas foi pensado como uma forma do canal usar a imagem do apresentador, que já havia realizado trabalhos para o Cartoon Network anteriormente.

4.3 Plantão do Tas: Como faz?

Quanto à produção de conteúdo do programa, Manuela Muraro explicou que o roteiro é feito por três brasileiros e conta também com suporte criativo da equipe do programa que está na Argentina, a produtora Cuatro Cabezas. Manuela informou que as ideias para o programa podem partir de qualquer membro. O importante é seguir as estruturas para não fugir do formato.

A razão para o uso do formato jornalístico em um programa para crianças, de acordo com Manuela foi despertar o interesse do público infantil por assuntos e temas atuais, mas de maneira divertida.

Quando estávamos discutindo o que fazer nesse projeto e como aproveitar a imagem e talento do Tas, chegamos a esse formato de jornalismo humorístico. Aqui no Estados Unidos tem alguns que são muito bem feitos

e funcionam muito bem, mas são para adultos, como o jornal do Saturday Night Live e o meu preferido e grande inspiração, o The Onion. Achamos que seria uma ideia bacana para fazer as crianças se interessarem mais por notícias e temas atuais, mas de maneira divertida.⁵

A intenção, neste caso, seria a inserção de temas importantes da forma mais próxima do universo infantil para proporcionar a reflexão sobre assuntos sérios como aquecimento global, eleições, relações interpessoais e outros temas que permeiam as preocupações do universo adulto, mas que, de modo geral, são muito notados e discutidos pelas crianças.

O projeto inicial de produção do formato do programa, como já citado, foi discutido como forma de utilizar a imagem do jornalista Marcelo Tas. Isso aconteceu porque mais ou menos seis anos antes do programa ser veiculado Manuela entrou em contato com Marcelo Tas para propor um programa com a participação do jornalista no Cartoon Network. A ideia não vingou porque na época o canal contava com uma programação 100% animada. Tempo depois, já com um formato diferente, contando com inserção de filmes e videoclipes de pessoas físicas na programação, Marcelo Tas foi convidado para dirigir crianças no projeto Movimento Cartoon. A partir daí, já com a possibilidade de uso da imagem real do apresentador, as ideias para o Plantão do Tas passaram a surgir.

Quanto à escolha dos outros atores, Gabriella Mustafá e Marcos Felipe Oliveira, esta foi feita através de testes pela produtora Cuatro Cabezas. A intenção era encontrar crianças com pouco mais idade para que a identificação com os telespectadores do Cartoon Network fosse maior. Atualmente os apresentadores possuem entre 13 e 15 anos respectivamente:

Decidimos encontrar uma menina e um menino e queríamos que eles fossem apenas alguns anos mais velhos que nosso público, pois as crianças gostam de ver crianças maiores. Aquela coisa de criancinha fofa falando errado é bonitinho, mas não é muito para o público do Cartoon. Eles gostam de ser tratados de igual para igual e não ter sua bochecha apertada. (MURARO.Manuela 03/09/2010. Entrevista concedida a Luana Serra)

O programa é dirigido principalmente para crianças entre 7 e 11 anos de idade. Para a segunda fase iniciada em 26 de novembro de 2010 (a primeira se iniciou em dezembro de 2009) foram testados aspectos em grupos focais e estudos

⁵ Manoela Muraro, gerente criativa do Cartoon Network para América Latina em entrevista concedida a Luana Serra, via e-mail em 03/09/2010

online em pesquisas qualitativas e quantitativas para verificação de quais pontos deveriam permanecer e quais precisavam melhorar.

O retorno da recepção, segundo Manuela, é percebido pela internet através das redes sociais e pelo site oficial do programa. Uma característica interessante é o grande número de adultos interessados na atração. No twitter eles são maioria. Em parte devido ao ainda crescente, número de crianças nas redes sociais⁶ e também pela fama ainda evidente dos antigos personagens infantis de Marcelo Tas.

⁶ No Brasil, crianças de 6 a 14 anos representam 11,9% dos usuários de internet, ou cerca de 4,8 milhões de pessoas. 60% do tempo das crianças online é dedicado às Redes Sociais, sites de entretenimento e mensagens instantâneas – FONTE: VEJA - 01/07/2010)

5 A INFLUÊNCIA DA TV NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Todos os dias as pessoas são conduzidas e muitas vezes levadas a consumir ideias, que geralmente estão inseridas nos discursos jornalísticos, nas cenas de uma telenovela, no conteúdo de um programa infantil, enfim, que pregam um modelo de vida e uma forma de pensamento.

Essas ideias apresentadas podem gerar comportamentos e pensamentos influenciados que só se tornam mais facilmente combatidos quando o cidadão já é capaz de realizar uma leitura mais crítica da mídia. No entanto, quando se trata do público infantil, essa visão crítica está ainda em fase de construção e a influência, no caso, pode tornar-se mais fácil.

Por isso, esta pesquisa tem como proposta apontar se é possível que os programas infantis exerçam influências positivas no comportamento e na opinião das crianças. E, em um segundo momento, será traçado um breve perfil nos programas infantis para análise de como são tratadas hoje as atrações infantis na TV aberta brasileira.

A mídia apresenta seus pensamentos como “verdades absolutas” e, muitas vezes, os cidadãos acabam aceitando essas ideias apenas por estarem sendo transmitidas por um meio de comunicação. Dessa forma a mídia influencia nosso modo de pensar e dita quais assuntos podem ser discutidos, contribuindo pela construção não apenas do imaginário, mas também da maneira de ser de cada um.

A “verdade” presente nos saberes estabelecidos pela mídia, tecida nas redes simbólicas das quais emergem discursos dos mais variados campos, produz modos de ser que constituem subjetividades. Na medida em que é também construtora e propagadora de imaginários, a mídia serve de referencial para a produção das identidades.” (GOMES,2001,P.194)

O telespectador possui papel de consumidor de ideias frente à televisão, mas nem sempre está atento ao que realmente lhe é apresentado. A princípio acredita-se que adultos com desenvolvimento cognitivo completo são mais capazes de perceber as reais intenções das mensagens que são mostradas e entender a dinâmica dos programas.

Quanto às crianças, segundo Greenfield (1998), há evidências de que com até um pouco mais de sete anos elas não conseguem relacionar bem as cenas de

um programa de televisão e as mais novas possuem uma visão ainda mais fragmentada, pois nem sequer utilizam de uma temporalidade.

Quando se trata de crianças com desenvolvimento cognitivo ainda em formação os diferentes programas de TV podem ter efeitos variados de acordo com a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra. E uma criança pode reagir de forma diferente a um mesmo programa em uma etapa diferente da vida. Em todo caso, a mídia televisiva pode influenciar de forma positiva nesse comportamento e não apenas servir como instrumento de entretenimento. Os efeitos positivos da televisão para crianças podem acontecer em três locais:

No desenvolvimento cognitivo, quando crianças aprendem atividades como diferenciar formas geométricas e cores, conhecem letras e números e outras ações que podem auxiliar no aprendizado escolar.

Pode acontecer também no desenvolvimento afetivo, o mesmo que habitual, quando a criança aprende a diferenciar quais os sentimentos que pode experimentar em situações diversas, sobre relacionamentos com outras pessoas.

E por último, a televisão também poderá exercer influência de forma positiva no desenvolvimento físico ao ensinar às crianças noções de hábitos saudáveis, envolvendo atividades físicas e noções de higiene, além de formas de postura e coordenação.

Diferente da linguagem literária que precisa ser ensinada, a televisiva é entendida pelo contato com o aparelho de TV junto à capacidade cognitiva da criança nos diferentes estágios mentais.

Dessa forma, segundo Patrícia Marks Greenfield, o domínio da linguagem televisiva, alcançado em parte através de exposição à televisão, e em parte pelo desenvolvimento da criança, torna possível o uso desse meio de comunicação para transmitir conhecimentos e habilidades cognitivas.

Portanto, a tecnologia da televisão e seus códigos possuem a importante função de estimular o espectador a processar informações. A TV estimula o aprendizado através das técnicas de sua linguagem, mas também através de seu conteúdo.

A televisão, quando bem utilizada pode mudar concepções errôneas já formadas, preconceitos e relações de um indivíduo com o outro. Essas mudanças de

atitude são mais fáceis de ocorrer em crianças do que em adultos, isso porque, os entendimentos destes últimos, já estão formados e são mais difíceis de mudar.

Uma pesquisa com 7 mil crianças em 7 cidades dos Estados Unidos foi realizada pelo Instituto Nielsen para averiguar os efeitos da série estatal Freestyle, que possuía em seu conteúdo a intenção de modificar em crianças de 9 a 12 anos seus estereótipos sociais em relação aos papéis desempenhados por homens e mulheres. Algumas crianças viam em casa por recomendação dos professores, outros em sala de aula com ou sem discussões posteriores com a turma e o professor. Os resultados foram mais evidentes nas crianças que viram o programa na escola e ainda maiores com aquelas que discutiram os conteúdos em sala de aula.

A experiência de Freestyle indica como a televisão pode auxiliar as crianças a ampliarem suas visões de diferentes grupos da sociedade, o que até agora foi feita de uma forma muito limitada nos Estados Unidos. Também enfatiza a possibilidade de se aumentar o impacto educativo de um programa de televisão com discussões em classe, demonstrando os benefícios de se utilizar a televisão em sala de aula (Greenfield, 1988, p.44)

A pesquisa mostrou que quando visto na escola, uma maior quantidade de crianças começou a acreditar que homens podem exercer atividades ditas femininas como enfermeira, secretária e realizar serviços domésticos. E essas mudanças de visão foram mais intensas e possíveis com as discussões em sala de aula. Um exemplo disso foi que meninas rapidamente se convenceram de que os rapazes devem ter atividades como cuidar da casa e dos filhos, e, no entanto, para convencer os garotos, foi preciso discutir o tema em sala.

Geralmente crianças tendem a imitar as figuras melhores retratadas. Assim, as crianças negras geralmente imitam as brancas. Quando essa situação muda, como acontece na animação Super Choque, que possui um super herói afro-americano como personagem principal, a televisão pode ser também uma forma de amenizar problemas psicológicos oriundos de violências raciais.

A boa utilização de temáticas educativas em programas infantis poderá trazer resultados positivos no desenvolvimento cognitivo da criança e na sua postura comportamental frente às situações que ela vai enfrentar na sociedade. Programas que mostram a vida de crianças com deficiência ou que pertencem a outras culturas, por exemplo, poderá também ser uma forma de evitar atitudes preconceituosas e possibilitar convivência de crianças em realidades distintas.

5.1 Os programas infantis ontem e hoje no Brasil

Quando a acessibilidade dos aparelhos de TV se tornou maior nos lares brasileiros, na década de 70, a preocupação em elaborar programas que atingissem a família como um todo passou a crescer, e as crianças começaram a ser mais incluídas nos projetos de programação da televisão brasileira.

Os programas infantis no Brasil surgiram desde a década de 50, sendo o primeiro o “Clube do Guri” transmitido pela TV Tupi de 1955 a 1976. Originado de um programa de rádio, mostrava crianças declamando versos, tocando instrumentos e cantando.

A Rede Globo obteve destaque com programas para crianças na década de 60 e foi responsável pela maioria dos programas infantis de 1960 até o fim da década de 70. O primeiro programa exibido pela emissora, Capitão Furacão, transmitido de 1965 a 1970, apresentava brincadeiras e desenhos por um velho marujo interpretado pelo ator Pietro Mário. No programa Capitão Furacão também foram exibidas séries de muito sucesso como Super-Man, Zorro e Os Três Patetas.

A atração foi considerada a precursora dos programas infantis. E hoje programas de grande audiência exibidos na TV brasileira ainda utilizam do mesmo formato de apresentadores, brincadeiras e atrações do tipo séries e desenhos, provando ser a fórmula bastante antiga.

Um ano depois em 1966, é criado pela antiga TV Tupi um programa para fazer concorrência ao citado anteriormente. Tratava-se do Capitão AZA, criado em plena ditadura militar, como homenagem ao Capitão da Força área Brasileira, ex-combatente da 2° Guerra Mundial, Adalberto Azambuja.

No programa, o apresentador, dava lições educativas como a importância dos estudos e o respeito aos mais velhos. Acompanhado de um bombeiro, um policial militar, um marinheiro e um ex-oficial da Força Expedicionária Brasileira (FEB), visitava escolas para dar noções de civismo às crianças.

A década de 70 foi marcada pela estréia de programas de grande sucesso até hoje na TV brasileira e internacional. Em 1972 a Rede Globo, em parceria com a TV Cultura lançava a Vila Sésamo, versão nacional de Sesame Street.

Em Vila Sésamo os personagens eram bonecos, crianças e adultos que interagiam em uma vila e transmitiam mensagens educativas de cunho escolar, social e psicológico. No início o programa possuía a maior parte de seus quadros oriundos do programa original americano e, em 1973, passou a ser totalmente nacionalizado, possuindo apenas um quadro ainda produzido nos Estados Unidos, Ênio e Beto. Em 1974, a Rede Globo assumiu por completo a produção e, em 1977, o programa foi cancelado devido aos altos custos de produção e pelo término do contrato com a emissora norte-americana e criadora da atração, a Children's Television Workshop.

Em 1971, a TV Cultura transmitiu o programa Jardim Zoológico apresentado por Renato Consorte. A atração levava crianças em idade escolar para passeios no Zoológico de São Paulo e tinha em cada episódio um animal diferente como tema principal. A ideia da produção era transmitir as crianças noções a respeito do habitat, origem e comportamento de animais.

Nessa década um grande sucesso infantil da TV brasileira também surgiu. O Sítio do Pica Pau amarelo, produção nacional baseada na obra literária de Monteiro Lobato. O programa era uma produção da Rede Globo em parceria com a TVE (atual TV Brasil) e com o Ministério da Educação (MEC) e exibiu 69 episódios de 1977 até 1986

Já na década de 80, o número de produções infantis explodiu no país. Isso porque, nessa época, foi percebida com maior intensidade o grande alcance mercadológico deste tipo de programa.

O início dos anos 80 foi marcado por grandes produções como Balão Mágico. A atração exibia crianças interagindo com personagens, possuía diversos números musicais, fazia brincadeiras e ensinava atividades artísticas. O Balão Mágico estreou em 1983 e se encerrou em 1986, sendo substituído pelo Xou da Xuxa. Pode-se ver essa substituição como a explosão de um novo formato marcado pela presença de apresentadoras adultas em atrações de palco.

Em 1983, a apresentadora Xuxa Meneghel estreava na TV brasileira com o programa Clube da Criança, transmitido pela extinta TV Manchete. No ano de 1986 Xuxa vai para a Globo e o programa passa a ser exibido pela apresentadora Angélica. Nesse ano estreou na Globo o Xou da Xuxa apresentado daquele ano até 1992. Em 1987 era a vez da estréia de Show Maravilha, com apresentação de Mara

Maravilha no SBT. E em 1988 o SBT exibia o Do-Ré-Mi-Fá-Sol-La Simony apresentado por Simony, ex-integrante do Balão Mágico. Programas do mesmo formato marcaram a TV brasileira que se destacava pela luta acirrada de audiência e grande apelação mercadológica de produtos com nomes das apresentadoras.

Os programas infantis ao longo dos anos 80 tiveram como preocupação os índices de audiência e costumavam destacar os consagrados programas de auditório, com presença de apresentadoras e brincadeiras com uma grande explosão de anúncios de publicidade inclusive durante as atrações.

Em 1986, Aristides Molina, diretor do TV criança declarou: Doa a quem doer, um programa para crianças, bem-feito e colocado em determinados horários, é uma vitrine de produtos infantis, proporcionando inesgotável fonte de renda (SAMPAIO apud MOLINA, 1986)

Nos anos 90 os programas de palco com apresentadoras continuaram em destaque com programas tipo Xuxa Park (Xuxa Meneghel) na Rede Globo, Casa da Angélica (Angélica) no SBT, Eliana e Alegria (Eliana) e Mara Maravilha Show na Rede Record (Mara Maravilha). As apresentadoras viraram figuras carimbadas na cena televisiva. Eram sempre os mesmos rostos que disputavam atenção de crianças e do mercado.

Fugindo do formato que já há muitos anos se repetia, nessa década também começaram a entrar no gosto dos telespectadores programas infantis educativos, premiados e que ainda possuem muito destaque na Televisão nacional. De 1989 a 1992 foi produzido o programa Rá-Tim-Bum pela TV Cultura já destacado anteriormente pelo formato envolvendo bonecos e animações. Outro exemplo aconteceu de 1993 a 1997 com o programa TV Colosso da Rede Globo, atração que possuía todo o elenco formado por bonecos de cachorros e outros animais que simulavam uma emissora de TV. Estes exemplos mostram a mudança de formato dos programas infantis que passaram a substituir personalidades adultas por crianças.

Nos anos 90, o destaque foi para produções nacionais de formato mais fictício. Programas tipo Castelo Rá-Tim-Bum e Cocoricó da TV cultura caracterizados por formatos não lineares, presença de crianças e assuntos educativos expostos de forma lúdica através de animações e bonecos que interagem com seres humanos.

A análise dos programas infantis dos anos 60 até hoje mostra que o caráter educativo, teve mais força nas décadas de 60 e 70. Nos anos 80 a característica maior foi o caráter mercadológico e a presença de adultos no comando das atrações e, a partir dos anos 90. As crianças começaram a apresentar as atrações, a apelação de mercado caiu, mas o caráter educativo e lúdico é encontrado de maneira desproporcional em diferentes canais, sendo mais percebido nas emissoras de TV paga e pelas redes públicas como TV Cultura e TV Brasil.

Do início dos anos 2000 até hoje o mais notado foi a perda do caráter lúdico das atrações. No começo da década, até dezembro de 2001, o programa Bambuluá, transmitido pela Rede Globo foi uma grande produção que contava com personagens, em uma cidade cenográfica encantada. O programa ainda mostrava o caráter lúdico das atrações dos anos 90, mas foi uma das últimas atrações infantis que contaram com uma produção suntuosa na televisão aberta brasileira.

A partir de 2001, a mesma emissora colocou no ar a TV Globinho. No ar desde 2000, o programa iniciou como um quadro de Bambuluá e em 2002 tornou-se um programa independente. Com várias trocas de apresentadores que marcavam sempre uma nova fase, a atração sempre teve como proposta principal a apresentação de desenhos animados e séries importadas veiculadas durante quase toda a atração, apenas intermediados pelos apresentadores.

A TV Globinho, teve várias mudanças. Possuiu cenários maiores, presença de figurantes e temáticas mais educativas em 2003, sendo apresentado por um casal. Ainda neste ano, passou a ter cenários mais simples, apresentação única e mais destaque para os desenhos e séries. Foi apresentado somente aos sábados de 2005 a 2007, voltou a ser diário em 2008 e a partir de 2009 fixou o formato de casais se revezando na apresentação do programa, com muito destaque para os desenhos animados e séries importadas e poucas falas dos apresentadores. Em 2011 mudou um pouco a estrutura ao voltar a inserir informações educativas durante o programa, mas ainda sem a estrutura que possuía no início.

A intenção deste pequeno resumo da TV Globinho é para mostrar como aconteceu a diminuição das produções infantis mais ousadas e porque este tipo de programa infantil, que mistura apresentadores e desenhos representa o formato mais visto nas emissoras de TV no Brasil.

Além da Rede Globo, todas as outras emissoras de TV aberta tiveram ou têm programas deste mesmo formato durante a última década. O SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) apresenta durante as manhãs, junto a TV Globinho, os programas, Carrossel Animado e Bom dia e Cia, que também já possuíam formatos diferentes dos atuais, mas hoje também são caracterizados pela presença de apresentadores, desenhos animados e algum caráter educativo, sendo que nessa emissora é percebida com mais força a interatividade com o público através de brincadeiras feitas com os telespectadores que ligam para brincar e ganhar prêmios.

Esse formato de programa infantil com pouca produção, muita exibição de desenhos, pouca ou nenhuma presença de apresentadores é vista em todas as emissoras de TV. Como exemplos, além da Globo e do SBT já citados, existem a Rede TV que apresenta a TV kids e a Rede Bandeirantes que transmite o Band Kids, sendo a Rede Record a única que não possui hoje este tipo de programa.

O custo menor de programas de formato “apresentadores e desenhos” ou apenas desenhos em relação às produções como Balão Mágico e Vila Sésamo considerados programas de sucesso, e a audiência garantida pelas animações e séries apresentadas pareceu ser a fórmula certa que agradou produtores de TV infantil e estagnou a mudança de formatos dos programas infantis desde 2000 até hoje, em 2011.

Hoje são vistos programas mais produzidos e educativos apenas nas emissoras públicas como TV Cultura e TV Brasil, sendo que mesmo nestas os programas ainda não encontraram a mesma ousadia de formato e sucesso que tiveram nos anos 90. E nas outras emissoras ditas, a presença de programas infantis é pouca, sendo destaque o formato com desenhos apresentados e algumas outras produções transmitidas nos fins de semana, como Turma do Didi e Os caras de Pau pela TV Globo, e os programas importados como Chaves no SBT. O que faz perceber que a compra de programas parece ser mais lucrativa, ou menos trabalhosa para as emissoras.

Não é possível citar todos os programas infantis desta última década, claro que programas de diferentes tipos foram exibidos neste período, a intenção foi apenas mostrar como as produções nacionais tem se tornado cada vez mais fracas e menos criativas. O jornalista Marcelo Tas em entrevista ao jornal Estado de São Paulo criticou a TV Cultura em relação ao seu papel na produção de programas

infantis e citou: “Hoje não vejo mais ninguém deixando os filhos vendo programação infantil de TV aberta” (TAS, Marcelo. Marcelo Tas critica a TV Cultura. In depoiment 27/12/09 apud O Estado de São Paulo 27/12/2009)

O pequeno número de produções infantis de qualidade e educativas na TV aberta, restritas na maioria das vezes ao horário das manhãs, provoca a migração prematura de crianças para as atrações adultas, como as telenovelas.

Já foi discutido nesse estudo a trajetória dos programas infantis ao longo dos anos, seus avanços e a forma como se encontram hoje. Esta breve discussão feita sobre a classificação indicativa serve para proporcionar o debate acerca de como hoje é tratado o público infantil em relação aos vários programas dirigidos ao público adulto, pois como já foi citado o número de produções para crianças é insuficiente.

Foram abordados também exemplos de como assistir televisão podem auxiliar no aprendizado de crianças, como os conteúdos podem originar cidadãos mais preparados a aceitar as diferenças, um resumo de como é a programação nacional destinada a jovens e qual tem sido o papel das emissoras e do governo em relação à programação de TV.

Antes de passar para o Estudo de Caso, capítulo que irá apresentar as conclusões retiradas da pesquisa qualitativa realizada com as vinte e cinco crianças de 7 a 9 anos do Instituto Divina Pastora a respeito de jornalismo e Plantão do Tas, é importante retomar que até o presente momento esta pesquisa procurou mostrar a relação do jornalismo com educação, a importância dos programas infantis televisivos e o estilo de produção do Plantão do Tas . Nos seguintes capítulos serão apresentados os resultados da pesquisa e as conclusões tiradas a respeito do estudo da relação do telejornalismo com o Plantão do Tas.

6 ANÁLISE SOBRE PLANTÃO DO TAs E JORNALISMO

O programa escolhido para ser objeto de estudo é o Plantão do Tas, devido ao seu formato que se aproxima bem da relação criança, jornalismo e educação. Para traçar essa relação é necessário retomar como se estabelece a união entre as duas vertentes. A presente pesquisa já mencionou anteriormente que a educação e comunicação possuem como característica comum o fato de serem ferramentas de mudança social. Ambas permitem ao cidadão a compreensão de informações antes desconhecidas e essa forma de conhecimento permite a iniciativa de uma ação.

No capítulo que trata do jornalismo como forma de educar é evidenciado que para que ele tenha uma postura de cunho educativo, necessita de certo empenho do próprio cidadão frente às notícias fornecidas que, geralmente, deverá ter sempre uma visão crítica dos fatos. Assim, fatores como falta de acesso à educação e até fatores econômicos poderiam influenciar nessa atitude, mas a ideia é apenas mostrar qual o papel que tem o ser social frente ao jornalismo, principalmente frente ao telejornalismo.

O presente estudo também já citou, e é importante retomar, que a compreensão da linguagem audiovisual se dá gradativamente pelo contato com televisão. Não é algo que se ensina, mas que se aprende apenas pelo fato de se assistir televisão. É assistindo televisão que se aprende como imagem e som se unem de forma harmônica, entende-se a temporalidade de cenas, os diferentes formatos e outras características. Um exemplo, é que crianças pequenas entre 1 e 3 anos, muitas vezes, não sabem diferenciar um comercial do fim da atração que assistem.

Partindo para o programa analisado, o Plantão do Tas, a característica maior é utilizar um formato jornalístico para transmitir mensagens educativas, o que permite que as crianças assimilem conteúdos relevantes e, ao mesmo tempo, tenham um contato maior e mais prematuro com as características técnicas e habituais do jornalismo.

A pesquisa qualitativa realizada com 25 crianças de 7 a 9 anos do Instituto Divina Pastora mostrou o que essas crianças pensam a respeito do jornalismo e do programa Plantão do Tas.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas. A primeira aconteceu em forma de conversa de roda com os alunos, a partir de temas relacionadas à televisão, jornalismo e Plantão do Tas. Foram feitas questões diretas de caráter quantitativo e, na maior parte do tempo, questões indiretas respondidas pelas crianças de acordo com a vontade destas e com o que elas pensavam sobre o tema.

Dos 25 alunos presentes, 14 afirmaram assistir telejornal e disseram que os pais permitem que elas vejam. O que chama atenção é que quando questionadas sobre o fato da possibilidade de crianças de 4 a 5 anos assistirem a telejornais a resposta de todas foi negativa.

As razões apontadas foram baseadas na presença de conteúdos violentos presentes nos telejornais e na possível assimilação por parte dessas crianças menores. Os alunos analisados afirmaram que crianças de 4 a 5 anos poderiam ser influenciadas a imitar o que está sendo mostrado nos telejornais e por isso elas não poderiam assistir.

Assim, a pesquisa analisa as diferentes respostas dadas pelas crianças para compreensão de como elas se portam diante do conteúdo dos telejornais e qual a posição na qual elas se colocam frente aos conteúdos emitidos. Primeiro, a análise trabalha as respostas sobre a razão pela qual acham que crianças de 4 a 5 anos não podem assistir telejornais.

Eu acho que crianças de 4-5 anos não podem assistir jornal porque tem muita violência e quando elas crescerem podem se tornar bandidos só por olhar os assaltos. Eles têm que assistir desenho, brincar ou fazer desenho, assistir televisão e jogar um pouquinho de futebol. (AB – 7 anos).

Eu acho que quando as crianças assistem elas podem aprender coisas ruins. (R-7 anos)

Nas respostas acima foi percebido um aspecto que foi bastante ressaltado pelas crianças, ou seja, a presença de cenas violentas.

Através desta resposta e de outras que serão expostas a seguir, observou-se que estas crianças entrevistadas se colocam em uma posição de superioridade frente aos conteúdos violentos emitidos e em relação a crianças menores. Nenhuma

delas afirmou que ela ou outra da mesma idade poderia ser influenciada pelas cenas de violência que tanto destacaram.

Eu acho que as crianças de 4 a 5 anos não podem assistir jornal porque tem cenas inadequadas. E porque elas podem aprender coisas ruins. (V- 8 anos)

O que chama atenção é o uso do das palavras “cenas inadequadas”. A resposta mostra que a criança se sente inatingível frente ao que se passa na televisão e menos influenciada que as crianças mais novas. O uso do termo também remete a participação dos pais na decisão sobre o que a criança pode ou não assistir. A criança reconhece o termo “inadequado”, provavelmente por explicação de algum adulto em casa ou até mesmo na TV, mas não sente necessidade de evitar esse tipo de programa

Sobre o que pensam as crianças entrevistadas da visualização de telejornais por crianças menores, a resposta abaixo mostra uma opinião que leva em consideração os diversos temas exibidos em um telejornal

Em partes porque no jornal não tem só tragédia, tem coisas boas também. Depende dos pais. Tem pai que não deixa o filho ver jornal de jeito nenhum, mas tem pai que deixa assistir as notícias boas e quando tem as tragédias manda a criança sair. Crianças de quatro anos podem assistir jornal, só que não podem assistir as tragédias. (MC- 7 anos)

Aqui é perceptível que a criança reconhece no telejornalismo a função maior de transmitir informações, independente de ter caráter violento ou não. Para a criança, a função do jornalista é a de informar, e em um telejornal as informações procedem de diversas áreas e não apenas de locais relacionados a assuntos violentos.

Na resposta seguinte, o que se observa é a opinião da criança entrevistada em relação a uma menor.

Eu acho que crianças de 4 a 5 anos não podem assistir e eu posso porque elas ainda são pequenas, não entendem algumas coisas que passam no jornal Lá passa muita violência e elas podem querer fazer, porque elas ainda não entendem. (L – 8 anos).

Nesta resposta fica ainda mais evidente uma característica já notada nas outras crianças que responderam a questão, como, por exemplo, o aparecimento das concepções adultas em relação ao outro. A criança diz que pode assistir o jornal

e uma de 4 a 5 anos não e aponta como causa o fato destas não conseguirem entender o que é dito.

As três respostas abaixo apresentam características comuns como o uso excessivo de palavras que remetem a violência, como também a ideia das crianças sobre a influência dos telejornais.

Eu acho que elas devem assistir, mas apenas as coisas boas e não violência tragédias e drogas. Se a noticia for sobre tragédias e armas elas não devem assistir porque podem tentar fazer. Na infância o que deve ser feito é brincar e se divertir. (JG- 9 anos)

Eu acho que crianças de 4 a 5 anos não podem assistir jornal porque tem muita violência e quando elas crescerem podem até virar um bandido, só por olhar os assaltos. Eles têm que assistir desenho, porque é muita violência no jornal, brincar e jogar um pouquinho de futebol.(AB – 7 anos)

Crianças de 4 a 5 anos não podem ver jornal porque há tragédia e drogas e a violência pode consumir elas. Quando estiverem adolescentes, podem querer imitar os drogados e os marginais. Se você está com um menino de quatro anos e você deixa ele assistir jornal, você pode ver que quando ele crescer, vai ficar violento e vai querer imitar. Tem um maior risco de quando estiver adolescente querer ser do grupo dos marginais,e isso pode causar mais ladrões e mais drogados na cidade(JL – 8 anos)

Expressões como armas, drogas, bandido e assaltos no vocabulário destas crianças mostra que os problemas sociais não são alheios ao conhecimento delas, e, que, inclusive, elas percebem que existe um grande número de notícias referentes a atos desse tipo nos telejornais.

As opiniões apresentadas pelas crianças de 7 a 9 anos deixam entender que estas como citado no capítulo 4, já se sentem partes integrantes do universo, ou mais especificamente, começam a se sentir mais presentes, opinativas e a formar uma postura mais adulta, o que justificaria elas se sentirem menos influenciáveis que as crianças de 4 a 5 anos.

Outro aspecto a ser destacado é o que as crianças entrevistadas entendem por jornalismo e qual a relação com o programa Plantão do Tas.

Quatro crianças se posicionaram sobre o que vem a ser o jornalismo.Nessa primeira resposta, e em outras que serão expostas, é interessante a visão da criança do jornalismo como uma profissão.

Eu acho que jornalismo é quando as pessoas vão para todo canto, falam sobre o que acontece pra gente ficar curioso e muito animado. Lá no Japão acontecem muitas coisas ruins, mas, eles também fazem muito bem para a natureza. Eles andam de bicicleta para não poluir e cuidam das árvores. (AB – 7 anos)

Primeiro a criança descreve com suas palavras o que faz um jornalista, que para ela tem função de encontrar informações em todos os lugares e transmiti-las para deixar o telespectador querendo saber mais. O que mostra que a criança tem uma noção própria da profissão jornalística. Já quando a criança diz que no Japão acontecem muitas coisas ruins e também coisas boas, foi possível no momento, saber que ela se referia a um fato que aconteceu pouco tempo antes da entrevista, o Tsunami, ocorrido em março de 2011, com ampla cobertura midiática. Ela também conhecia outros aspectos daquele país e não apenas aqueles que foram fortemente retratados pela mídia naquele período.

A resposta seguinte descreve o jornalismo como um “trabalho” com função maior de informar.

Jornalismo é um trabalho. Os jornalistas vão lá e entrevistam alguém porque várias outras pessoas têm curiosidade sobre o que acontece no dia a dia da cidade e do país. (MC- 8 anos)

Foi observado neste depoimento que há uma noção tanto do fazer jornalístico, que para ela tem a função de tirar dúvidas, ser informativo, quanto do telespectador que se põe a frente da TV em busca de mais informações.

Jornal é tipo um tira dúvidas. Saem na Televisão todas as dúvidas das pessoas curiosas. (JL- 8 anos)

Mais uma vez aparece a ideia da função informativa do jornalismo. Assim como na primeira resposta, esta enfatizou ainda mais a posição do telespectador que de acordo com a criança, assiste jornal para esclarecer suas dúvidas. Não é possível afirmar que todos assistem telejornal ou lêem um jornal a fim de esclarecer dúvidas ou que estas possuem uma postura curiosa, mas o ato de assistir ou ler um jornal pode indicar que o cidadão busca encontrar alguma informação.

As crianças entrevistadas entendem o jornalismo como um instrumento para promover informações oriundas de todas as partes do mundo e destacaram que existe uma diferença entre as notícias transmitidas pelos telejornais e que, nem todas, são caracterizadas como ruins ou violentas. Elas também enfatizaram que a função do jornalismo é transmitir informações ou de tirar as duvidas da população.

Elas mostraram entender o conteúdo jornalístico como algo de importância, mesmo quando as notícias dadas não interessam a elas. E a postura destas crianças que assistem telejornais frente ao conteúdo mostra que elas não são

alheias ao que ali é transmitido, mas tem uma noção do que isso significa, podendo inclusive reprimir a visualização destas informações por crianças menores.

Foi percebido que as crianças reconhecem o formato jornalístico e esse conhecimento é oriundo do contato com esse tipo de programa. Quanto ao Plantão do Tas e seu caráter educativo primeiro foi preciso saber se as crianças conheciam o programa e se elas o reconheciam ou não como um telejornal.

Entre as 12 crianças que afirmaram assistir ou já ter visto o programa do Tas, 9 disseram que o programa pode ser classificado como telejornal. As razões para isso confirmam que as elas tem uma noção boa do que vem a ser a prática jornalística.

Na primeira resposta exposta aqui, a característica principal é a importância que a criança dá a notícia como instrumento maior de um telejornal.

Eu acho que o Plantão do Tas é um telejornal porque ele traz notícias, mas imaginárias. (AS- 8 anos)

O fato de o programa transmitir notícias inventadas parece não influenciar na concepção da criança de que o programa é um telejornal. Aqui é percebido que a criança analisa esta questão por uma semelhança técnica entre os dois tipos de programa, a presença de notícias. O que deixa perceptível a noção que a criança tem do formato jornalístico, ou seja, para ela um telejornal precisa ter notícias, não importa se estas são verdadeiras ou não.

Já na próxima resposta, a concepção da criança sobre se o programa é ou não um telejornal, refere-se ao estilo e maneira de apresentação.

Eu acho que o Plantão do Tas é um telejornal porque eles falam como em um telejornal. E porque às vezes têm coisas que são verdade. (ME - 7 anos)

A forma como os personagens do programa se posicionam atrás das bancadas, a forma como falam, como utilizam elementos de entrevista é bem semelhante à estrutura do telejornal. A criança reconhece a semelhança entre a forma de fala como fator para o programa ser um telejornal.

É possível também por meio desse depoimento deduzir que a criança compreende que no telejornalismo os fatos transmitidos são baseados na realidade.

Como já foi exposto, o programa apresenta notícias inventadas com intenção de educar. Muitas vezes estas remetem a acontecimentos reais, como eleições, apagão e aquecimento global, ou mesmo que não sejam baseadas em nenhum acontecimento, procuram fornecer alguma reflexão de real utilidade.

Na resposta abaixo, mais uma vez é notável a presença da notícia como fator principal para que a criança afirme que o Plantão do Tas é um telejornal..

Eu acho que o Plantão do Tas é um telejornal porque mesmo apresentando notícias bobas e que não são de verdade, são notícias, e todo jornal apresenta notícias (MC-8 anos).

Tal opinião se encontra bem fundamentada já que a função principal de um telejornal é a transmissão de informações através de notícias e sem esse tipo de conteúdo não poderia ser classificado como tal.

Já nessa próxima resposta outra propriedade da prática jornalística é apontada.

Eu acho que o Plantão do Tas é um telejornal porque ele traz várias entrevistas para as crianças. (GC- 8 anos)

Nessa resposta foi observado o reconhecimento de uma característica técnica diferente do telejornalismo, a presença de entrevistas. As crianças reconhecem o programa como um telejornal pelas semelhanças estruturais entre ambos, como a já citada presença de notícias e a presença de entrevistas.

Na última resposta que será colocada, o aspecto que chama a atenção é a distinção de conteúdos que a criança percebe existir entre telejornal e o Plantão do Tas.

Eu acho que o Plantão do Tas é um telejornal, mas como se fosse um infantil. Tem vários jornais pra adultos e esse traz notícias imaginarias e de crianças. (AS - 8 anos)

A criança aqui mostra entender que os telejornais aos quais tem contato são destinados propriamente a adultos e não para crianças. Nota-se então um reconhecimento de para quem se destina o telejornalismo de forma geral. Porém, o que é mais importante destacar é a distinção feita entre o real e o imaginário. E o uso do imaginário como sendo uma prática destinada a crianças. Já vimos no capítulo 4.1 que as crianças do período Operacional Concreto, onde estão situadas as entrevistadas, possuem uma capacidade maior de lidar com situações hipotéticas e delas tirar conclusões. Quando os exemplos fornecidos se aproximam do universo infantil, torna-se também mais fácil atrair a atenção delas.

Deste modo, um jornal com notícias imaginárias, ao qual as crianças tem mais propensão a se identificar e a absorver as mensagens educativas, pode proporcionar maiores resultados ao possibilitar o entendimento e a discussão de temas importantes entre as crianças..

A pesquisa qualitativa mostrou que as crianças reconhecem o formato jornalístico, assistem atrações desse formato e se posicionam em relação às notícias transmitidas. A importância e o caráter educativo do Plantão do Tas é possível graças ao conteúdo voltado a questões educativas como já citado e também por apresentar o formato jornalístico às crianças de uma forma mais lúdica, possibilitando assim uma aproximação maior com elas e podendo então aumentar o interesse das crianças pelo telejornalismo.

Foi notado que as crianças entrevistadas diferenciam muito bem um jornal dirigido para elas de outro não produzido com esse fim. A pesquisa buscou compreender, de acordo com as respostas das crianças, se o fato de assistirem o programa as influenciou ao assistirem mais vezes os telejornais.

As crianças então responderam se começaram ou não a assistir ou a assistir mais aos telejornais depois de verem o Plantão do Tas. Na primeira resposta abaixo, o notável é a distinção feita mais uma vez entre o conteúdo real dos telejornais e o irreal do Plantão do Tas.

Fiquei mais empolgada em ver Telejornal porque o Plantão do Tas tem as mesmas coisas, mas lá tem coisas que são mentiras e outras que são verdade. E no jornal é tudo verdade. (ME -7 anos)

A criança sabe que o programa transmite conteúdos baseados na realidade e em fatos inventados ao dizer que no Plantão do Tas existem coisas que são mentiras e outras que são verdades e reconhece as notícias do telejornalismo como sendo sempre verdadeiras, o que para ela significou a razão por procurar mais aos telejornais. Pela resposta também se entende, como já dito, que as crianças se interessam muito pelo o que acontece realmente no mundo.

Na resposta citada abaixo, a característica relevante é a comparação que a criança faz entre o conteúdo do Plantão do Tas com as notícias boas de um telejornal.

Eu não gostava de Jornal na TV, mas quando assisti o Plantão do Tas eu me interessei mais pelo jornal porque lá também tem coisas boas . Tem uma parte do jornal que aparecem só os cartazes do cinema. Eles avisam quando vai ser a feira do livro, e ficamos informados para o que fazer no fim de semana. Porque criança nasceu pra estudar e pra se divertir. (MC- 8 anos).

Aqui ela deixa claro que sua preferência nos telejornais está nas boas informações, naquelas que despertam interesse. E isso provoca a reflexão de que as crianças não são diferentes dos adultos naquilo que se refere a escolha do que assistir, sabendo bem o que é interessante para elas ou não. E mais, a criança

demonstra mais sinceridade e uma objetividade até maior que os adultos na hora de escolher a programação.

O adulto fica bem mais tempo zapeando (trocando de canais sem destino certo), enquanto a criança sabe de forma mais exata o que quer assistir. Até mesmo crianças pequenas de 3 a 6 anos, que ainda constroem sua capacidade de diferenciar programas de comerciais, sabem o que desejam ver, falando para mãe “Quero assistir desenho” sem saber se este passa ou não naquele horário.

Na idade das crianças entrevistadas, essa objetividade na hora de assistir TV continua. Geralmente elas manifestam preferência para programação que se dirige ao público infantil, mesmo que nesse período comece a se interessar pela programação adulta. O que se observa é que a criança começa a gostar de programas adultos, mas ainda procura nesses programas algo que se relacione ao mundo infantil. Mais uma vez na resposta abaixo se nota a busca por informações verdadeiras.

Eu me interessei pelo jornal porque o Plantão do Tas só tem notícias não reais e já tava cansado de notícias de mentira e queria ver coisas mais reais e por isso eu to assistindo jornal (AB-7 anos)

Nesta resposta percebe-se que a criança passou a assistir mais telejornal em busca de algo mais real, o que mais uma vez enfatiza que elas se interessam pelo o que acontece a sua volta. O fato de assistir a um programa de conteúdo lúdico não exclui o interesse por acontecimentos verdadeiros, mostrando até que o excesso desse tipo de conteúdo não agrada.

Foi possível constatar nesta primeira parte da pesquisa que as crianças sabem diferenciar um telejornal de outra atração, reconhecem a diferença de conteúdos entre um jornal real e um feito especialmente para elas e possuem uma visão crítica acerca dos conteúdos emitidos pelos telejornais.

A segunda parte da pesquisa procurou compreender se as crianças entendiam as mensagens ditas no programa e que nível de compreensão tinham a respeito de cada “notícia absurda” do Plantão do Tas.

Para isso foram exibidas quatro notícias do Plantão do Tas para as mesmas 25 crianças. Antes de verem o vídeo, elas foram informadas que depois seriam divididas em 4 grupos, um para cada uma das 4 notícias mostradas, mas que não seriam informadas sobre qual grupo ficaria com qual notícia, para que assim prestassem atenção em todo conteúdo exibido. Após a exibição e divisão dos

grupos, cada um teve o tempo de 10 minutos para discutir entre eles sobre o que viram e o que entenderam da notícia escolhida.

O grupo 1 analisou a notícia que mostrava o drama de um homem que nunca ganhava uma disputa de par ou ímpar. Inconformado, ele decide ir até a *Associação Internacional do par ou ímpar* para reverter as regras do jogo (Quem perdesse que iria ganhar). O repórter “Hugo Mascarenhas”, interpretado por Marcos Oliveira, vai então entrevistar o homem que entra na associação. Logo depois o rapaz azarado chega com as regras do jogo modificadas e resolve fazer uma disputa com Hugo. O resultado é que o homem ganha o par ou ímpar, mas como a regra mudou isso significa que na verdade ele perdeu novamente.

Na notícia o repórter Hugo Mascarenhas entra na atração simulando um link ao vivo e toda a disputa é narrada como uma situação inédita e muito importante na TV. O que faz perceber que apesar das notícias não serem reais, o programa procura, através da postura dos personagens e dos textos, fazer uma imitação do que acontece de verdade nos jornais, o que garante a parte humorística da atração.

O grupo 1 responsável por apresentar o entendimento sobre esta notícia deu como resposta: “Nós entendemos que não tem nada a ver quem ganha e quem perde. Não chore, não fique triste, porque algumas vezes a gente ganha o par ou ímpar outras perdemos”.

Aqui é notado que as crianças perceberam na notícia uma função educativa, pois compreenderam que a mensagem se refere uma postura de comportamento que elas devem ter quando são derrotadas em uma disputa.

O grupo 2 ficou responsável por abordar a notícia que tratava da “Revolta na Cravóquia”. Lá um grupo de crianças rebeldes se voltaram contra as regras do governo e dos pais e passaram a protestar a favor de acordarem mais tarde, dormir mais e por mais desenhos na TV. O líder da revolução, “loseky Tavares” é entrevistado pela repórter Yolanda Violeta para saber o que será feito caso o governo não aceite as reivindicações. O líder faz a saudação do grupo junto com os colegas (Interessante notar que Yolanda também faz o sinal) e diz que se o governo não fizer o que querem, eles vão riscar e fazer um bigodinho na capa do disco autografado pelo Roberto Carlos e roubado da coleção pessoal do presidente. Ao final Marcelo Tas diz: “Vocês ficam aí falando que não querem ser tratados como crianças, mas vocês são crianças”

Sobre esta notícia o grupo 2 respondeu: “Nós entendemos que a criança tem seus direitos, mas ela não pode ultrapassar as regras dos pais.”

A resposta mostra certo nível de maturidade das crianças. É preciso se levar em conta o fato de estarem sendo entrevistadas na escola o que deve ter influenciado uma resposta mais comedida. Mas, mesmo assim mostrou que as crianças reconhecem a autoridade dos pais e pessoas mais velhas e até percebeu que há uma discordância com as atitudes dos membros da revolução.

O grupo 3, ficou com a notícia sobre o ano novo em “Malapunjala”, uma ilha fictícia isolada no pacífico, habitada por um povo primitivo. A repórter Yolanda Violeta fala ao vivo do local através de uma ligação. Enquanto fala com o âncora Marcelo Tas, a repórter acredita estar sendo mimada pelos habitantes com muita comida e banhos rituais em um caldeira, mas após a conexão com o Tas cair, acaba descobrindo que iria ser comida pela tribo. Para se livrar do problema, a repórter conta a Marcelo Tas que mentiu dizendo ter feito xixi na água e que ao mostrar uma foto dele a tribo que ficou impressionada de ter visto um careca pela primeira vez e passou a reverenciar a imagem como “Grande Deus cabeça de ovo”

A resposta do grupo 3 foi: “Entendemos que Yolanda estava em uma ilha de canibais e eles queriam comê-la na ceia de ano novo”

Neste caso o interessante é perceber que as crianças não encontraram nenhuma mensagem educativa implícita na cena e que se restringiram a entender o fato que aconteceu. Não foi levado em conta pelas crianças do grupo, o uso da mentira para escapar de uma situação perigosa, por exemplo. O que mostra que algumas crianças nem sempre compreendem as mensagens implícitas nas “notícias absurdas” ou que alguma possível mensagem passou despercebida pelo grupo.

O grupo 4 analisou a notícia sobre o apagão em São Paulo. O repórter Hugo Mascarenhas fala diretamente das ruas da cidade, mas apenas sua voz e os sons da cidade são ouvidos e uma imagem totalmente escura aparece na transmissão. De acordo com as informações do repórter, as primeiras notícias sobre as causas do apagão diziam que um dinossauro psicopata de 300 metros escapou de um laboratório de pesquisa genética e atacou a usina, mas as autoridades negaram as informações e disseram ser culpa de um raio.

Nesse momento Marcelo Tas diz: “Sei não, eu prefiro acreditar na versão do dinossauro psicopata, Hugo”

Marcelo Tas pergunta para Hugo quando a luz irá voltar. O repórter começa a andar pela rua e acaba caindo em um bueiro aberto e a fala passa para o “Sebastião” câmera da produção, que diz o que aconteceu e pede a interrupção da matéria.

O âncora, então diz: “ Que perigo andar pelas ruas aí, tudo apagado, com um dinossauro psicopata de 300 metros de altura...”Nesse momento sua fala e imagem são interrompidas dando a entender se tratar do tal dinossauro.

Das 4 notícias expostas talvez seja esta a que mais remete a um acontecimento original, realmente noticiado pelos meios de comunicação naquele ano.

Em 10 de novembro de 2009 (o programa é de dezembro deste mesmo ano) um apagão deixou 18 estados brasileiros sem energia por cerca de 5 horas e a justificativa dada pelo governo foi também um raio que teria atingido três circuitos de transmissão de Itaipu.

Na ocasião, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, três dias depois, ter pedido uma investigação dos órgãos ligados ao setor elétrico para saber se algo, além dos raios, pode ter causado o apagão.

A justificativa do governo não convenceu as pessoas e no dia 16 de novembro, o procurador da República Marcelo Ribeiro de Oliveira, responsável pelo procedimento administrativo do Ministério Público Federal (MPF) que investigava o apagão disse que a usina de Itaipu nada tinha a ver com o problema e afirmou que a hipótese mais provável seria a de pane nos sistemas de transmissão.

O assunto na época gerou muita polêmica devido às informações desconstruídas em relação à causa do incidente. Então seria provável que o “Dinossauro psicopata de 300 metros” apontado como razão do apagão noticiado pelo Plantão do Tas fosse uma crítica às respostas dadas na época do apagão. Marcelo Tas diz para o repórter Hugo que prefere acreditar na versão do dinossauro e não a do raio, mostrando estar em dúvida quanto às respostas oficiais.

O fato da cena ser cortada enfatiza ainda mais a ideia de que a versão dos raios seria improvável, de acordo com o programa, mais improvável ainda que um dinossauro psicopata de 300 metros solto pelas ruas.

A resposta do grupo 4 foi: “Nós entendemos que o dinossauro cortou a luz da cidade porque ele foi solto e no final raptou o Tas.”

Mais uma vez nota-se que as crianças apenas interpretaram o acontecimento da cena e não alguma possível mensagem que nela poderia conter. Pelo que foi percebido na descrição da cena, para uma melhor interpretação seria preciso o conhecimento da notícia real sobre o apagão que permitiria assim, uma comparação com o fato inventado pelo programa e o original, o que não ocorreu, porque as crianças desconheciam a informação.

As interpretações das crianças obtidas nas respostas mostram que durante o contato com o programa, pelo menos, eles tiveram uma interpretação adequada do que viram. Como a intenção era não influenciá-los e garantir que eles desenvolvessem a resposta mais imediata que tivessem na mente, sem nenhuma intervenção opinativa de suas opiniões, nem todas as compreensões retratadas tiveram como aspecto o entendimento da mensagem contida na cena, mas somente a compreensão do que ali acontecia, sem muita reflexão. Houve um equilíbrio pois dois grupos perceberam uma mensagem educativa na cena, enquanto outros dois apenas deram uma interpretação do que aconteceu.

O grupo 1 assistiu ao vídeo do jogador de par ou ímpar que sempre perdia e conseguiu interpretar na cena uma mensagem educativa. Entendeu que as crianças não devem se importar quando perdem nas brincadeiras e que perder faz parte do jogo. O grupo 2 também mostrou a compreensão de uma mensagem educativa ao afirmar que entenderam pelo vídeo que as crianças não devem desobedecer aos pais.

O grupo 3 entendeu a cena, mas não fez uma interpretação do que ela poderia estar dizendo. E o grupo 4 também mostrou compreender mais o sentido da cena do que propriamente sua mensagem, o que pode ser explicado pela falta de conhecimento da notícia real que serviria para uma melhor crítica da cena.

A pesquisa mostrou que as crianças nem sempre compreendem alguma possível mensagem educativa existente no programa, mas são capazes de entender bem os fatos apresentados na notícia fictícia.

7 TELEJORNALISMO TRADICIONAL X PLANTÃO DO TAS

As semelhanças visuais entre o formato telejornalístico e o Plantão do Tas já foram apontadas ao longo dessa pesquisa. O programa busca simular um telejornal de verdade e para isso utiliza de cenário contendo bancada, atores que atuam como âncoras e repórteres, simulando chamadas ao vivo, entrevistas, comentários e outras atividades que remetem ao telejornalismo.

A comparação visual entre o Plantão do Tas e um telejornal é fácil já que o objetivo do programa é simular o formato de jornal. Por isso, o objetivo neste capítulo será uma comparação não do formato, mas do conteúdo de um programa que simula um telejornal. A intenção é compreender como as duas formas tratam a realidade, os fatos e como auxiliam na construção de uma visão crítica.

O telejornalismo é caracterizado pelo grande número de notícias apresentadas de forma rápida e sem aprofundamentos. A produção da notícia passa por inúmeras etapas que vão da visão do repórter, o que de alguma forma já altera a representação do fato, até a edição e escolha ou não de sua transmissão na tela pela direção, o que envolve além de decisões a respeito do tema da notícia, duração do programa, sua importância para o público e até para a emissora.

As notícias veiculadas na TV, possuem um aspecto diferente das veiculadas no rádio ou nos meios impressos. Devido à necessidade de agilidade que a televisão impõe, as notícias são menos aprofundadas e essa rapidez torna-se um fator importante para que a notícia dada pela TV não apresente todos os lados envolvidos, ou seja, mostre apenas uma versão muitas vezes resumida dos fatos, que não engloba todos os acontecimentos, não responde as dúvidas do receptor e não permite uma discussão mais profunda. A esse respeito, Oliveira e Soares afirmam:

Para atender à formatação de cada veículo, a notícia recebe tratamentos diferenciados em cada meio. Todos os dias, uma variedade de notícias é apresentada na mídia, mas na TV o número de notícias é relativamente menor, devido a sua característica primordial, a agilidade. Além da diferença estrutural da notícia publicada nos telejornais, o caráter da agilidade afeta também a interpretação dos fatos. Os noticiários televisivos propiciam uma visão monolítica dos acontecimentos, ou seja, apresentam uma versão que impede a análise através de pontos de vista diferentes, ao receptor o que está sendo dito parece ser a verdade absoluta. (OLIVEIRA, J.S.S.M; SOARES, H.R.P.S. Santos, Intercom, 2007. p. 02).

O Jornalismo de TV é formado pela conjugação de imagem e som, que definem a estrutura audiovisual. A junção destes dois elementos proporciona ao telespectador a percepção visual e auditiva da realidade contada. Porém, esse fato é contado de forma fragmentada e limitada pelo alcance da lente da câmera e do microfone no momento da captura das imagens e sons. Esse recorte é formado pela visão do repórter, orientado ou não, por diretrizes superiores.

Assim, um meio de difusão rápida como a TV torna-se impossível divulgar através do audiovisual todos os envolvidos em um acontecimento, tanto devido à rapidez com que a notícia precisa ser formada, quanto pela possível edição que o fato sofre pelas emissoras antes de ser noticiado. É necessário pensar como essa característica torna o telejornal uma ferramenta unilateral de opiniões, se a realidade pode ali ser bem representada e como as pessoas utilizam dessa representação do real para melhorar suas concepções e suas visões críticas a respeito de um tema.

No telejornalismo, as informações são entregues já construídas e prontas para uma compreensão instantânea. O ato de assistir a um telejornal é confortável e econômico, daí a razão de que ele é considerado um meio jornalístico de bastante aceitação. Esse conforto é devido a linguagem dos jornalistas na apresentação da notícia, junto a vantagem das imagens e sons que permitem ao telespectador fazer pouco esforço para compreender o que está sendo dito.

A imagem é talvez a característica mais importante nessa junção de aspectos que formam a representação da realidade pelo telejornalismo. Isso porque o ato de ver provoca no telespectador a ideia de verdade. Quem assiste ao telejornal, passa a acreditar que aquilo que vê é real. A imagem então seria uma prova de que o fato noticiado realmente aconteceu.

Portanto, a imagem não pode ser considerada, devido inúmeras maneiras de manipulá-la, uma representação fiel da realidade, mas um fragmento dessa realidade, que pode ter sido “fabricada” tanto no intuito de mostrar vários aspectos realmente importantes do acontecimento, quanto para informar somente o que vai de encontro aos interesses dos grupos de comunicação. Nos dois casos, é sempre o jornalista e sua equipe que definem o que será transmitido de acordo com aquilo que eles pensam ser mais adequado ao público.

O som também tem uma função importante nessa representação da realidade já que auxilia o receptor na contextualização do ocorrido e é complementar

da imagem. Não basta o telespectador ver, mas também que alguém diga o que ele esta vendo, e isso é muito importante para construir seu entendimento.

Todas essas características e formas e apresentação da noticia ajudam o telespectador a compreender o que está sendo contado, ou melhor, a compreender aquilo que o produtor da informação quer que o receptor compreenda. Ou seja, o caráter quase que monopolista das informações e a não apresentação por igual de todos os lados envolvidos pode ser conseqüência dos interesses das emissoras ligadas a grupos políticos, empresariais e outros que com auxilio dos recursos técnicos de imagem e sons permitem a modelagem e a representação da realidade de acordo com o que se quer mostrar.

Como já foi dito, o limite do alcance da lente, da captura de sons, a abordagem proposta e a rapidez com que a informação deve ser contada, tudo isso colabora para que as notícias mostrem nada mais que o essencial. Muitas vezes possibilita apenas que o receptor da informação saiba que um fenômeno ocorreu, mas não permite que este questione como ou porquê o fato aconteceu. O telejornalismo assim torna-se não um divulgador da verdade, mas um possível manipulador desta.

Toda a estrutura de telejornal é trabalhada para que apenas o essencial, o simples da mensagem seja exibido ao telespectador. Este então é impedido de construir uma opinião mais complexa a respeito de um tema tratado.

A linguagem usada nos telejornais também é característica da simplicidade e alcance direto deste formato. Objetiva, coloquial, direta ela permite transmitir ao publico a sensação de pessoalidade diante da TV, uma impressão de que o jornalista fala diretamente para ele.

Essas características da imagem, linguagem e som ajudam a construir uma mensagem informativa mais direta e compreensível, mas junto à rapidez exigida pela TV e os possíveis interesses empresariais e comerciais da emissora, prejudicam a construção de uma visão mais critica e cuidadosa dos fatos, conforme assinala Toscani, Silva e Oliveira.

Na memória do telespectador, o conteúdo desaparece facilmente, isso devido à quantidade de assuntos, "momentos" transmitidos como flashes, não dando ao receptor tempo suficiente para fazer uma auto crítica sobre o que ele está assistindo e vivenciando. Ao sentir a emoção de determinada matéria, a emoção imediata se dissipa perdendo-se totalmente no ar. (TOSCANI, Ana.L..F. C ; SILVA, D.H ; OLIVEIRA. N.P.R . UNICEF. Edição 01 Jan/jun 2006)

O Plantão do Tas, não poderia ser comparado com um telejornal pela sua forma de produzir, editar notícias já que não se trata de um telejornal de verdade que transmite notícias baseadas em fatos reais. Mas, a comparação pode ser feita quanto ao que ambos provocam no público.

O telejornalismo pode, muitas vezes, não apresentar aspectos totais da realidade, não provocar debate ou responder questões além das informações que são rapidamente fornecidas ao público. O Plantão do Tas também apresenta a realidade, mas através de notícias inventadas, que aparentemente não sofrem influência de interesses ou tempo por se tratar de uma obra fictícia cujo único interesse seria o entretenimento de seu público e a transmissão de assuntos educativos.

Dessa forma, as notícias inventadas no programa apresentam exemplos fictícios, mas baseados em um acontecimento real. Desta forma, as crianças entram em contato com assuntos importantes em debate na política, nas relações pessoais, no meio ambiente e em outras áreas de discussão.

Assim, como exemplos de notícias baseadas na realidade podem ser citadas a sobre os pingüins que estariam comprando geladeiras, pois não agüentavam mais o calor e uma outra que mostrava uma família que apenas se comunicava por celular, inclusive na mesa do jantar, onde a mãe enviava mensagens até para mandar os filhos comerem.

É percebido através destes dois exemplos que a mensagem educativa não é direta. Não houve nesses dois casos uma interferência clara do tipo “O aquecimento global derrete geleiras do pólo norte” ou “Tecnologias prejudicam a relação de pais e filhos”, mas existe uma intenção de provocar uma reflexão, que como já visto no capítulo anterior é feita pelas crianças.

O programa destinado às crianças, através de notícias inventadas e não influenciadas por interesses externos de superiores, já que não tem compromisso com nenhuma estrutura de poder, e nem pelo tempo e razões comerciais, não necessita apresentar os pontos cruciais de uma informação e por isso não apresenta uma visão fragmentada dos fatos que poderiam formar opiniões monopolizadas de acordo com a informação que os produtores desejam.

É importante ressaltar que o programa possui um formato jornalístico, mas seu público alvo é infantil. Sua forma permite uma apresentação da criança com o

formato jornalístico, mas por não se tratar de um jornal de fato é desvinculado da função de apresentar a realidade e todos os pontos de vistas envolvidos. Porém, a presença de conteúdos pedagógicos, voltados a assuntos importantes e atuais auxilia na construção do debate sobre esses temas entre as crianças ou pelo menos ajuda na construção das dúvidas. Desta forma, pode-se dizer que possui uma função educativa maior que o telejornalismo tradicional.

Diferente do telejornalismo onde as informações são dadas de forma direta e o telespectador pouco trabalho tem para compreender e absolver a informação, no Plantão do Tas as mensagens inseridas nas notícias inventadas necessitam de alguma reflexão para serem entendidas, são de fácil compreensão, mas não são diretas, o que provoca uma visão mais crítica por parte do público.

Para o público infantil, o contato com um programa de formato jornalístico que insinua alguma reflexão sobre assuntos importantes de forma lúdica, torna-se uma forma interessante de auxiliar as crianças entenderem o que vem a ser jornalismo, o que fazem os jornalistas e pode contribuir para torná-las telespectadores mais críticos frente ao conteúdo dos telejornais.

Já vimos que as crianças compreendem bem a essência dos telejornais, e que o telejornal não provoca a atenção e reflexão dos telespectadores. Então, não seria estranho pensar que a compreensão que uma criança tem das notícias de um telejornal é a mesma de um adulto, pelo menos de uma forma instantânea.

A diferença está apenas no fato de que algumas notícias são interessantes para as crianças e outras para os adultos, o que provoca melhor entendimento de algumas por um grupo e de outras pelo outro. O telejornalismo não proporciona a uma criança uma compreensão aprofundada sobre os acontecimentos tanto por causa dos critérios de construção da notícia, como pela falta de assuntos interessantes para elas ou até mesmo assuntos apropriados.

Então, é mais viável para crianças assistirem ao programa Plantão do Tas que auxilia na construção do pensamento, na reflexão sobre o que está sendo informado e que insere de forma fácil e divertida assuntos importantes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo proporcionar uma discussão a respeito da relação que pode existir entre o público infantil e a prática jornalística, ainda pouco dedicada a produzir programas para esses telespectadores. Os entendimentos obtidos partiram de um questionário de caráter qualitativo aplicado a 25 crianças de 7 a 9 anos do Instituto Divina Pastora, localizado no bairro do Anil, em São Luís, Maranhão.

Sobre a análise da relação entre jornalismo e crianças pretendida inicialmente foi possível constatar através da entrevista sobre o assunto que existe uma noção bastante satisfatória sobre o que vem a ser a prática jornalística. As crianças mostraram reconhecer bem o formato e apresentaram uma postura crítica em relação aos conteúdos emitidos.

Através da entrevista foi possível notar também que as crianças ao assistirem aos telejornais fazem uma distinção entre os conteúdos como violentos ou não violentos e que elas assistem aos telejornais buscando o interesse e não a visão dele por completo, podendo dar atenção as notícias julgadas como boas e evitar aquelas julgadas como violentas.

Para elas as notícias violentas dos telejornais podem exercer uma influência negativa em crianças menores, mas não relataram nenhum exemplo que mostrasse que elas poderiam ser influenciadas. Esse julgamento feito por elas em relação às crianças menores é compreendido com a retomada das características do período Operacional Concreto, que aponta para essa fase dos 7 aos 9 anos, o nascimento da postura adulta.

Através das respostas sobre o Plantão do Tas, foi possível constatar que para as crianças a principal função dos telejornais é transmitir notícias. Assim, elas reconheciam nesse programa uma prática jornalística não pelo conteúdo, que foi interpretado por elas como algo dirigido ao público infantil, mas principalmente, pelo fato do programa noticiar acontecimentos, mesmo que irreais. Pelas respostas foi percebido que as crianças reconhecem a notícia como algo fundamental no jornalismo.

Quanto ao conteúdo do Plantão do Tas e como ele auxilia na visão do telejornalismo, a pesquisa descobriu, primeiro através de exibição de vídeos e posterior resposta das crianças sobre o que entenderam, que o caráter educativo do programa é sempre presente mas nem sempre percebido pelas crianças.

Dos quatro grupos, dois viram no Plantão do Tas uma mensagem educativa e os outros dois conseguiram apenas explicar o que aconteceu na “notícia”. No grupo 4, a “notícia” dada falava sobre um apagão que remetia de forma crítica a um fato real e o desconhecimento das crianças sobre isso, pode ter prejudicado esse entendimento.

O programa usa o formato de um telejornal, mas emite mensagens para crianças, com notícias inventadas com base em temas reais presentes, como aquecimento global, eleições, relações interpessoais e outros. Ao unir essa informação com uma comparação de como é construída a realidade nos telejornais a pesquisa pode constatar que o caráter infantil e educativo implícito do programa junto ao seu formato ajuda a criança a entender melhor o telejornalismo e as insere na discussão sobre temas relevantes veiculados nos noticiários.

No último capítulo, o estudo mostrou que o telejornalismo ao buscar retratar a realidade sofre influências externas que não contribuem para a construção do real e que tornam as notícias fragmentos de uma realidade. No Plantão do Tas as “notícias absurdas” contadas apenas se apoiam em uma realidade e as crianças são mais suscetíveis a lidar melhor com o lúdico e imaginário. Assim, fica claro que o programa pode proporcionar uma visão crítica do próprio telejornalismo, na medida em que transmite, mesmo em forma de ficção, informações baseadas em fatos reais.

Através da entrevista foi possível também perceber que as crianças gostam do caráter ficcional do Plantão do Tas, mas que existe uma necessidade de buscar notícias reais. Por isso, foi percebido, que as crianças entrevistadas gostam do programa, mas passaram a assistir mais aos telejornais veiculados na TV aberta a procura de fatos reais.

Essa busca das crianças por informação e a exposição delas a televisão remete a outro aspecto considerado neste estudo que é de suma importância para a relação que procurou se estabelecer entre comunicação e educação. Através de uma análise dos programas infantis da década de 60 aos dias atuais na TV aberta brasileira e da influência positiva que pode haver nos programas infantis foi possível

considerar que há pouca preocupação com o conteúdo educativo dos programas e pouca ousadia para mudar formatos.

O senso crítico das crianças pode ser bastante percebido quando houve a análise das respostas sobre o telejornalismo e os produtores de conteúdo para televisão devem levar isso em conta ao produzir programas. É necessário que os programas infantis deixem de ser apenas formas de entretenimento e passem exercer uma função mais educativa.

Essa necessidade de exercer a crítica e o conhecimento a respeito das práticas dos telejornais pelas crianças deveriam ser de interesse maior para os produtores de programas dessa natureza. É característico desse formato não se dirigir a crianças, mas é preciso que percebam que este é um público existente que deve ser levado em consideração.

Nesse primeiro momento, em que o trabalho procurou estabelecer uma relação entre comunicação e educação, através de estudos sobre a Educomunicação (Educação + Comunicação) foi possível perceber que as duas áreas caminham juntas na construção de uma sociedade democrática, já que possibilita a expansão de conhecimentos e informações e assim pode contribuir para que os indivíduos conheçam o que acontece ou o que aconteceu em outras culturas, comunidades, estados e países. Estar informado através de uma notícia ou conhecer um assunto mais a fundo através da educação, por exemplo, é importante, pois apenas cidadãos que reconhecem sua realidade são capazes de compreender o que é necessário para gerar mudanças na sociedade.

Finalmente, as informações dadas pelo jornalismo, inserem o cidadão no que está acontecendo momentaneamente na realidade em que vive e possibilita uma ação imediata. Porém, essas notícias quando não discutidas e analisadas correm o risco de se tornarem apenas informações que logo serão esquecidas.

Portanto, o jornalismo só poderia funcionar como prática educativa quando existir um compromisso dos produtores na exibição real dos fatos e quando os consumidores passarem a ver o que é ali dito preocupando-se sempre em comparar informações, discutir, ou se informar por outros meios e assim construir sua própria visão dos fatos.

E para que surjam cidadãos adultos mais críticos frente aos telejornais é importante que os produtores de telejornais percebam a necessidade de se relacionar com as

crianças e que os produtores de programas infantis criem mais programas que estabeleçam essa relação comunicação e educação.

BIBLIOGRAFIA

___ **Lista de programas infantis em português.** 8/04/2011. Wikipédia. Disponível:http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_programas_infantis_em_portugues Acesso em: 28/08/2011

___ **Crianças passam 3,7 horas por dia assistindo televisão.** 29/03/2011. Sophia Mind. Disponível em: <http://www.sophiamind.com/pesquisas/criancas-passam-37-horas-por-dia-assistindo-televisao/> Acesso em: 27/10/2011

___ **Jovens ainda preferem a TV, revela pesquisa:** Internet vem em segundo plano, com 20% da preferência, seguida do rádio, com 4%.25/04/2011. Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/jovens-ainda-preferem-a-tv-revela-pesquisa>. Acesso em: 1/11/2011

___ **Marcelo Tas critica a TV Cultura.** 27/12/2009. Revista Quem Acontece. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI113055-8224,00.html> . Acesso em: 09/11/2011

___ **Qual o papel da TV no desenvolvimento infantil:** Afinal, a TV faz bem ou mal? 22/06/2011. Disponível em: <http://cmais.com.br/qual-o-papel-da-tv-no-desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 01/11/2011.

___ **Programas infantis da década de 70.** site Cmais O portal de conteúdo da TV Cultura. Disponível em: <http://cmais.com.br/programas-infantis-da-decada-de-70> Acesso em: 28/08/2011

___ **TV e computador ocupam grande parte do tempo das crianças:** Jovens brasileiros lideram ranking mundial em tempo gasto com as máquinas. Vida Equilíbrio.28/03/2011. Disponível em: <http://vidaequilibrio.com.br/tv-e-computador-ocupam-grande-parte-do-tempo-das-criancas> . Acesso em: 05/11/2011

AZEVEDO, M.V.R. **Telejornalismo e educação para a cidadania, uma experiência de educomunicação.** Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003

BECKER, Beatriz. **A linguagem do Telejornal.** Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil.2º Ed: E-papers serviços editoriais, Rio de Janeiro, 2005.

BISTANE, Luciana e BACELLAR Luciane. **Jornalismo de TV: Contexto.** São Paulo, 2005.

BUCHT, Catharina e FEILITZEN, Cecília Von. **Perspectivas sobre a criança e a mídia:** Unesco, Brasília,2002

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. **O social e o lógico matemático na mente infantil:** cognição, valores e representações ideológicas: Arte e Ciência, São Paulo, 2002.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Estética da violência:** jornalismo e produção de sentidos. Autores Associados, Campinas,2002.

DALPIZZOLO, Jaqueline. **Televisão, Comunicação e Educação**: Uma visualidade crítica. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DONALDSON, Margaret. **La mente de los niños**. 5° Ed: Ediciones Morata, Madrid, 2003, p.166 a 167. Disponível em: www.books.google.com.br Acesso em: 30/10/2011

ERLANGER, Luis. **Classificação de idade com faixa horária é ataque a liberdade de expressão**. 25/07/2011. Último Segundo. Entrevista concedida a Valmir Moratteli

Disponível: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/classificacao+de+idade+com+faixa+horaria+e+ataque+a+liberdade+de+expressao/n1597097958685.html>. Acesso em: 20/10/2011

FELITZEN, Cecília Von. **Censura não, proteção**. 17/07/2007. Carta Capital. Entrevista concedida a Ana Paula Souza. Disponível em: www.direitoacomunicacao.org Acesso em: 30/08/2011.

FILHO, José Martins. **Lidando com crianças, conversando com os pais**. Mais de 700 perguntas que você faria ao pediatra. 2° Ed. Campinas. Papyrus, 2004. 401 p.

FILHO, Manuel Alves. **Para saber a diferença entre a educação não-formal e a educação informal**. 13 a 19 de agosto de 2007. Jornal da Unicamp. Ano XVI, N° 367, p.12. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

FORECHI, Marcilene. **Jornalismo e Educação: Contribuições para uma “pensata coletiva”** Maio de 2007. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/8568. Acessado em 28/06/2011.

FORECHI, Marcilene. **Jornalismo e Educação: da invenção da realidade à formação de jovens**. Programa de Pós Graduação em educação. Centro de educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & mídias**. Macéio: EDUFAL, 2001.

GOMES, Paola B.M.B. **Mídia, Imaginário, Consumo e Educação. Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a11v2274.pdf> Acesso: 28/06/2011

GREENFIELD, Patrícia Marks. **O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica**: Os efeitos da TV, computadores e videogames. Summus: São Paulo, 1988

KASTROY, Bruna. **Marcelo Tas estreia Plantão do Tas no Cartoon Network**. O canal.org, Dez de 2009. Disponível em: <http://ocanal.org/2009/12/29/marcelo-tas-estreia-plantao-do-tas-no-cartoon-network/> Acessado em 29/05/2011.

LIMA, Ruben Ribeiro. **O rádio para a criança na cidade de São Luís: Um olhar educativo: Sintonizados no faz-de-conta**. Monografia. Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4° Ed: Editora SENAC, São Paulo, 2005.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-faraco-mariana-pensamento-paulo-freire.pdf>

MENDES, Diogo et al. **Violência, meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea e o comportamento infanto-juvenil.** Artigo. Disponível em: <http://www.slideshare.net/guestc0a037/violncia-e-meios-de-comunicao-na-sociedade-contemporanea> Acesso em: 27/10/2011

MOTTA, Severino. **Entenda a classificação indicativa. Manual é usado para determinar a idade a que se destina uma atração audiovisual ou jogo eletrônico.** 15/08/2011. Último Segundo. <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/entenda+a+classificacao+indicativa/n1597140086658.html> . Acesso em: 20/10/2011

MURARO. Manoela. 03/09/2010. **Entrevista concedida a Luana Serra.** Via e – mail.

NOVAES, Adauto et al. **Rede Imaginária. Televisão e democracia.** Companhia das Letras. São Paulo, 2006

OLIVEIRA, J.S.S.M ; SOARES, H.R.P.S. **A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e newsmaking.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX. Intercom: Santos, 2007. p. 02

PARAVIDINO, Flávia Vasconcelos. **A educomunicação na televisão brasileira e seu auto-reflexo educacional.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/> Acesso em: 10/07/2011

PATIAS, José Carlos. **O telejornal sensacionalista, a violência e o sagrado.** Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006.

PIRES, Davi. **Classificação não é censura, quem censura é o mercado.** Responsável pela classificação indicativa de filmes e programas de TV diz que o critério é técnico e não há arbitrariedade. 15/08/2011. Último Segundo. Entrevista concedida a Valmir Moratelli.

SAMPAIO et al. **Mídia de Chocolate: Estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação.** E – papers: Rio de Janeiro. Serviços editoriais Ltda, 2006, 210 p.

SAMPAIO. Inês Silva Vitorino. **Televisão, publicidade e infância.** 2ª Ed. Annablume: São Paulo, 2004.

SCHAUN, Angela. **EDUCOMUNICAÇÃO Reflexões e Princípios.** Mauad: Rio de Janeiro, 2002.

SETZER, Valdemar W. **TV e violência, um casamento perfeito.** 9/01/2000. Disponível em: www.ime.usp.br/~vwsetzer Acesso em: 26/10/2011

SILVA, Marconi Oliveira da. **Imagem e Verdade: Jornalismo, Linguagem e Realidade.** 1ª Ed. Annablume: São Paulo, 2006.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** São Paulo, Maio de 2006.
http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf Acesso em 28/06/2011

SOARES, Hamistelie; OLIVEIRA, Jocyelma. **A construção das notícias em telejornais: valores atribuídos e newsmaking.** Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Intercom, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: Um campo de mediações. Comunicação & Educação.** Segmento: São Paulo, v. 7. n.19. p. 12-24. set./dez. 2000

SOUZA, Solange Jobim e (org). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura** 2° Ed. 7 Letras: Rio de Janeiro, 2005

SANTOS, Macelle Khouri; AYRES, Melina de La Barrera. **A vida através da tela: a realidade do telejornal e do documentário.** Anais do II Colóquio Binacional Brasil – México de Ciências da Comunicação, São Paulo, 01 a 03 de abril de 2009.

TAS, Marcelo. **A conquista do público com humor e inteligência.** Depoiment. 17/04/2011. Jornal Correio de Uberlândia. Entrevista concedida a Adreana Oliveira.

TAS, Marcelo. **A minha história da Olhar Eletrônico. Made in Brasil: Três Décadas do Vídeo Brasileiro.** São Paulo: Itaucultural, 2003. Disponível em: <http://marcelotas.terra.com.br/trabalho-textos-interna.php?idConteudo=113>

TAS, Marcelo. **Marcelo Tas deixa “mundo chato” de lado e inventa notícias para crianças.** Depoiment. 29/12/2009 . Folha de São Paulo. Entrevista concedida a Rodrigo Russo.

TOSCANI, Ana Lúcia F. de Campos; SILVA, Douglas Hernandes; OLIVEIRA, Natália Pimenta R. de. **Jornal Nacional: Informação x Manipulação. Fenômeno Cultural a partir de Produto Informativo de Consumo.** 1° Ed. REC – Revista Eletrônica de Comunicação. Jan/Jun 2006

VIZEU. Alfredo. **Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo. Biblioteca Online de ciências da comunicação,** 2002, Dissertação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>. Acesso: 30/10/2011

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com Manoela Muraro, Gerente criativa do Cartoon Network para a América Latina em setembro de 2010.

1° Como é elaborado o roteiro do Programa?

Temos 3 roteiristas no Brasil, alguns deles que trabalham no CQC ou já trabalharam com o Tas em outros projetos e também suporte criativo da equipe do Plantão na Cuatro Cabezas na Argentina. O Tas também está envolvido na criação. As ideias sempre são discutidas por todos e aprovadas por mim, gerente criativa do Cartoon para América Latina. No começo nos reuníamos mais e discutíamos todos os detalhes e as 'regras' de como todos os temas deveriam ser desenvolvidos. Fazíamos isso por conferencia em ligação entre Brasil, Argentina e Estados Unidos, já que a sede do Cartoon é em Atlanta e eu trabalho daqui. A gente brincava que era mais difícil conseguir colocar todo mundo na linha do que produzir o programa!

2° Existe acompanhamento pedagógico na construção destes roteiros?

Não necessariamente, mas nós levamos em consideração a maneira em que temos que lidar com assuntos para crianças em tudo o que fazemos no Cartoon. O Tas também tem muita experiência com crianças e assim como outras pessoas da equipe da Cuatro Cabezas. Quando surge uma dúvida, sempre buscamos ajuda e aconselhamento.

3° Qual a periodicidade do programa?

O programa é bem curtinho, uma notícia de 2 a 3 minutos por episódio. Também tivemos a Retrospectiva de 2009, que foi um especial de meia hora. Por causa do formato, ele passa várias vezes por dia, durante a programação.

4° Por que escolher um formato jornalístico para transmitir mensagens às crianças?

Quando estávamos discutindo o que fazer nesse projeto e como aproveitar a imagem e talento do Tas, chegamos a esse formato de jornalismo humorístico. Aqui no Estados Unidos tem alguns que são muito bem feitos e funcionam muito bem, mas são para adultos, como o jornal do Saturday Night Live . Achamos que seria uma ideia bacana para fazer as crianças se interessarem mais por notícias e temas atuais, mas ainda de maneira divertida.

5° E qual a recepção do programa?

Muito boa. Recebemos ótima cobertura da imprensa, muitas mensagens de crianças e um interesse bacana no Facebook e Twitter, onde temos paginas do Plantão. O Tas recebe muitas mensagens e comentários sobre o Plantão e sempre me conta. A Gabriela e o Marcos também começaram a ser reconhecidos na rua.

6° Como surgiu a ideia do programa?

Eu contatei o Tas pela primeira vez ha uns 6 anos atrás porque sempre achei que seria ótimo fazer algo com ele no Cartoon! Isso foi bem antes do CQC! Mas na época ainda tínhamos uma programação 100% animada (hoje temos filmes e vídeo clipes), então não encontrávamos um formato de criar algo com ele em animação. A presença dele é uma das suas maiores qualidades! Ha uns anos atrás o contratamos para dirigir umas crianças para a filmagem do Movimento Cartoon, outro projeto nosso. Isso iniciou uma relação de trabalho bacana, ainda que tenha sido uma pequena colaboração. As conversações e o “namoro” do Cartoon com o Tas continuou, e ha um ano e pouco atrás vimos a chance de fazer um programa com ele.

7° Como é e como é percebido o retorno por parte do público?

O retorno é visto muito facilmente pela internet. No hotsite do Plantão dentro do Cartoonnetwork.com.br, no Twitter e Facebook. Ainda que twitter e Facebook estejam crescendo e o numero de crianças nos dois ainda é limitado, é uma maneira boa de ver a resposta das pessoas e o que elas acham do Plantão.

Mas também realizamos uma pesquisa de mercado antes de decidir o que fazer para a segunda fase do programa, onde testamos vários aspectos do programa em focus groups e estudo online. Qualitativo e quantitativo. Isso nos ajudou muito ver quais eram os pontos fortes que deveriam continuar sendo explorados e os pontos onde tínhamos espaço para melhoras.

8° O programa é dirigido a qual faixa etária?

Meninos e meninas de 7 a 11 anos, mas tentamos não alienar os menores. E sei que os adultos também gostam, já que são a maioria dos nossos seguidores no Twitter.

9° Como foi a escolha dos atores?

A Cuatro Cabezas fez o casting de acordo com o que discutimos e o perfil que estamos procurando. Decidimos encontrar uma menina e um menino e queríamos que eles fossem apenas alguns anos mais velhos que nosso público, pois as crianças gostam de ver crianças maiores. Aquela coisa de criancinha fofa falando errado é bonitinho, mas não é muito pro público do Cartoon. Eles gostam de ser tratados de igual para igual e não ter sua bochecha apertada.

A Cuatro Cabezas mandou a pré seleção deles para mim e para o Tas olharmos e nos dois concordamos que a Gabriela e o Marcos eram os atores ideais para o programa. A gente buscava com que eles tivessem carisma, boa atuação, fossem engraçados e desinibidos.

10° Por que a escolha do Marcelo Tas como “âncora”?

Na verdade foi ao contrario, escolhemos o programa já com a escolha do Tas feita. O Marcelo Tas é um profissional super sério e preocupado com a qualidade de tudo o que ele faz.

APÊNDICE B - Plano de entrevista feita com 25 crianças do Instituto Divina Pastora de São Luís em junho de 2011 e respostas obtidas.

Em junho foi realizada entrevista em grupo. Foram feitas perguntas objetivas e subjetivas respondidas por elas em uma conversa de roda.

QUESTÕES OBJETIVAS:

1° Quantos assistem a telejornais?

Resposta: 14

2° Quantos assistem com a permissão dos pais?

Resposta: 14

3° Quantos assistem ou já viram o Plantão do Tas?

Resposta: 12

4° Quantos acham que o Plantão do Tas é um Telejornal ?

Resposta: 9

QUESTÕES SUBJETIVAS:

1. Para Vocês o que é jornalismo?

Jornalismo é um trabalho. As pessoas vão lá e nos entrevistam porque várias pessoas têm curiosidade do que acontece no dia a dia da cidade e do país. (MC - 8 anos)

Eu acho que é um jornal são pessoas que entrevistam o mundo indo pra cada canto, falam sobre as notícias para gente, para ficarmos curiosos e muito animados, querendo saber uma notícia bem legal. Lá no Japão acontecem muitas coisas muito ruins, mas, eles também fazem muito bem para a natureza , eles andam de bicicleta para não poluir, cuidam das árvores e é só isso que quero falar. (AB - 7 anos)

Jornal é tipo um tira dúvidas. As pessoas curiosas perguntam e saem na televisão todas as dúvidas delas. Isso é o trabalho que eles ganham o dinheiro para se sustentar e dar o pão de cada dia (JL - 8 anos)

2. Crianças pequenas, de 4 a 5 anos, podem assistir telejornal? Por quê?

Eu acho que tem muitas cenas não recomendadas para menores de 4 - 5 anos. (AA - 8 anos)

Eu acho que quando as crianças assistem elas podem aprender coisas ruins. (R - 7 anos)

Eu acho que as crianças de 4-5 anos não podem assistir jornal porque tem cenas inadequadas, violência e acidente. Porque elas podem aprender coisa ruim. (V - 8 anos)

Eu acho mais ou menos porque no jornal não tem só tragédia tem coisa boa também, criança pode assistir, depende dos pais. Tem pai que não deixa criança ver jornal de jeito nenhum, mas tem pai que deixa a criança assistir as notícias boas e quando tem as tragédias manda ir pro quarto assistir outra coisa. Criança pode assistir jornal, a partir dos 4 anos, só que não pode assistir as tragédias. (MC - 7 anos)

Eu acho que crianças com 4-5 anos não podem assistir e eu posso porque elas ainda são pequenas não entendem algumas coisas que passam no jornal. É muita violência, tragédia e elas podem querer fazer porque elas ainda não entendem. (L - 8 anos)

Eu acho que elas devem assistir coisas boas, ao invés de violência tragédias e drogas porque podem tentar fazer e na infância o que deve ser feito é brincar e se divertir (JG - 9 anos)

Eu acho que crianças de 4-5 anos não podem assistir jornal porque tem muita violência e quando elas crescerem podem até virar um bandido, só por olhar os assaltos. Eles têm que assistir desenho, porque é muita violência no jornal, brincar ou fazer desenho, assistir televisão e jogar um pouquinho de futebol.(AB - 7 anos)

Crianças de 4-5 anos não podem ver jornal porque há tragédia, drogas e violência.Quando eles estiverem adolescentes podem querer imitar esses drogados e esses marginais. Se você está com um menino de quatro anos e você deixa ele assistir jornal você pode ver que quando ele crescer, vai ficar violento e vai querer imitar. (JL - 8 anos)

3. Porque você acha que o Plantão do Tas é um jornal?

Eu acho que o Plantão do Tas é um jornal porque eles falam coisas igual a um jornal e também porque as vezes tem coisas que são verdade.(ME - 7 anos)

Eu acho que o Plantão do Tas é um jornal porque mesmo apresentando notícias bobas e que não são de verdade são notícias e todo jornal apresenta notícias (MC - 8 anos)

Eu acho que é um jornal porque transmite informação do Brasil para as crianças. (LS - 8 anos)

Eu acho que é tipo um jornal porque eles viajam para lugares, mas contam fatos imaginários que não acontecem no Brasil como vacas dançantes e monstros do rio. (JG - 9 anos)

Eu acho que o Plantão do Tas é jornal porque ele traz notícias , mas imaginarias. (AS-8 anos)

Eu acho o Plantão do Tas um jornal porque ele traz só notícia engraçada pra gente. Não é realidade uma vaca dançante e também não tem um monstro no rio de São Paulo (AB - 7 anos)

Eu acho que o Plantão do Tas é que nem um jornal porque ele traz fatos imaginários mas se os fatos fossem reais seria um jornal de verdade (JL - 8 anos)

Eu acho que o Plantão do Tas é um jornal porque ele traz várias entrevistas para as crianças. (GC - 8 anos)

Eu acho que o Plantão do Tas é um jornal, mas como se fosse um infantil. Tem várias jornais pra adultos e ele e traz notícias imaginarias e de crianças. (LS - 8 anos)

4. Você começou a se interessar mais pelo telejornalismo depois de ver o Plantão do Tas?

Fiquei mais empolgada com jornal porque o Plantão do Tas tem as mesmas coisas, mas lá tem coisas que são mentiras e outras que são verdade e no jornal é tudo verdade. (ME- 7 anos)

Eu comecei a me interessar mais pelos jornais, porque eu admiro muito os jornais. E lá existem coisas reais e mentiras. (NI – 8 anos)

Quando a gente assistiu jornal a gente fica mais esperto. (LS – 8 anos)

Eu não gostava de jornal, mas quando assistiu o Plantão do Tas eu me interessei mais pelo jornal porque lá também tem coisas boas . Tem uma parte do jornal que aparecem só os cartazes do cinema. Eles avisam quando vai ser a feira do livro, e ficamos informados para o que fazer no fim de semana. Porque criança nasceu pra estudar e pra se divertir. (MC - 8 anos)

Eu comecei a me interessar por jornal porque eles me dão fatos para que eu possa sair no feriado. (JG - 9 anos)

Eu me interessei pelo jornal porque o Plantão do Tas só tem notícias , mas notícias não reais e já tava cansado de não reais e queria ver coisas mais reais e por isso eu to assistindo jornal (AB-7 anos)

Eu comecei a me interessar mais por jornal depois de assistir o Plantão do Tas porque eu comecei a ficar mais curioso. Eu assistia só o Plantão do Tas, não via o jornal real. Na hora que eu fui assistir o jornal real eu fiquei impressionado com as tragédias, as drogas e os traficantes. (JL – 8 anos)

Eu comecei a me interessar pelo jornal porque eu queria saber as informações do mundo todo. (BB– 8 anos)

